



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL

MELANILCE KARLA DA SILVA BATISTA

**A SOCIOLOGIA E A LITERATURA: AMPLIANDO O
PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ATRAVÉS DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Fortaleza – CE

2024

MELANILCE KARLA DA SILVA BATISTA

**A SOCIOLOGIA E A LITERATURA: AMPLIANDO O
PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ATRAVÉS DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Mestrado Profissional de
Sociologia em Rede Nacional
(PROFSOCIO) da Universidade Federal
do Ceará (UFC) como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestra em
Sociologia.

Área de concentração: Ensino de
Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Irapuan Peixoto
Lima Filho.

Fortaleza/ CE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S581s Silva Batista, Melanilce Karla da.
A Sociologia e Literatura: : Ampliando o pensamento sociológico através de sequência didática /
Melanilce Karla da Silva Batista. – 2024.
85 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

1. Sociologia. 2. Literatura. 3. Juventudes. I. Título.

CDD 301

MELANILCE KARLA DA SILVA BATISTA

**A SOCIOLOGIA E A LITERATURA: AMPLIANDO O
PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ATRAVÉS DE
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentada ao Mestrado Profissional
de Sociologia em Rede Nacional
(PROFSOCIO) da Universidade
Federal do Ceará (UFC) como
requisito parcial para a obtenção do
título de Mestra em Sociologia.

Área de Concentração: Ensino de
Sociologia.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

Orientador: Dr. Irapuan Peixoto Lima
Filho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho.

Orientador Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alexandre Jerônimo Correia Lima

Examinador Interno

Prof. Dr. Rafael Gílane Bezerra - UFPR

Examinador Externo

AGRADECIMENTOS:

Nessa jornada de mestrado, de muito estudo, aprendizados, esforços e crescimento, tive apoio, incentivo e carinho de muita gente que me ajudou a realizar esse sonho tão grande. Agradeço à Deus, aos meus Orixás e a espiritualidade amiga por todas as oportunidades concedidas a mim, pela força e tranquilidade nos momentos de fraqueza e dificuldades.

Aos meus pais, por todo amor e apoio demonstrado nas suas linguagens de amor, nos atos de serviço dedicados à mim e aos meus dois irmãos, Junior e Patrícia, pelo amor, carinho e incentivo que sempre me deram, e aos meus sobrinhos Pedro Ian, João Victor e Maitê por me inspirarem a ser alguém melhor.

Às duas irmãs de coração que a vida me deu, Paula e Raphaela cada uma com grande amor e atenção estiveram comigo nessa jornada e tiveram papéis fundamentais nessa jornada, sei que as dedicatórias teriam que ser separadas e com mais de uma linha (risos), mas não consigo pôr em palavras os agradecimentos e todo o incentivo e confiança que vocês depositaram em mim, muito obrigada por tudo!!

Ao meu orientador, Irapuan Peixoto Lima Filho, pela forma tão generosa e amiga de me orientar e guiar por essa grande e maravilhosa jornada, dividindo seu tempo, conhecimento e apostando na proposta dessa sequência didática, tão desafiadora. Muito obrigada por tudo sempre, professor!

À professora Danyelle Nilin Gonçalves, coordenadora nacional e defensora incondicional do PROFSOCIO, uma mulher inspiradora. Aos professores e professoras do PROFSOCIO, excepcionais docentes que contribuíram imensamente para meu aprendizado, Genilria, secretária nacional do PROFSOCIO, a pessoa que tornou a passagem pelo mestrado o mais organizada possível com toda sua dedicação, atenção e simpatia e ao sr. Nilson, pela simpatia e gentileza a mim e à todos da nossa turma PROFSOCIO- 2022.

Aos meus “amigos do mestrado” que ultrapassaram essa barreira e hoje são meus “amigos(as) da Vida”, cada um de vocês trouxe tanto amor, carinho e acolhimento que é impossível não amá-los, Estelany (a minha duplinha), Gê (Geslane), Ingrid, Fabrício, Danúbio, Lucas, Manuel e Harysson e as maravilhosas Ananda e Thaty (Thatiany) que chegaram um pouquinho depois e ocuparam seus lugares em meu coração.

Aos meus amigos queridos, Alex, Thais, Tiago, Carlinhos, Valdenir, Vaneza, Alesson, Lucia e Emanuel pelo companheirismo, incentivo, amor e apoio tanto no trabalho como na vida, vocês são inspiradores, obrigada por tudo!!

Aos gestores e demais profissionais da escola EEEP MÁRIO ALENCAR onde a intervenção pedagógica se realizou, pela confiança, respeito e generosidade. Mas principalmente aos meninos e meninas do REDES, ENFERMAGEM E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS que formaram as turmas, pois são os grandes protagonistas desse trabalho e com quem divido o título. Muito obrigada!!

E a todas e todos que acreditam na educação, que existem e resistem no trabalho e criam cotidianamente formas de trabalhar e de compreender a juventude como ela se apresenta e ser veículo de aproximação entre a ciência e o estudante.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a apresentação de sequência didática, realizada como produto de pesquisa para o Mestrado Profissional de Ensino de Sociologia na linha de pesquisa Juventudes e temas contemporâneos com ênfase no ensino da Sociologia. A Sociologia possui muitos temas relevantes e sua importância está consolidada na formação de um jovem crítico e consciente da realidade. Considerando essa situação, observa-se os hábitos de leitura dos jovens que frequentam a EEEP Mário Alencar. Para a análise foi realizado um projeto de intervenção, instrumentalizado a partir da construção de uma sequência didática, utilizando como inspiração a metodologia de ensino referenciada na pedagogia histórico-crítica, concebida pelo professor João Luiz Gasparin, priorizando diálogos e reflexões sobre os conteúdos estudados em sala de aula, com a leitura do conto *A Loteria* de Shirley Jackson e a aplicação de um projeto literário escolar, a Ciranda de Leitura, onde o objetivo principal é usar a literatura como ferramenta para o ensino da Sociologia. As aulas foram planejadas para as turmas da primeira e segunda série do Ensino Médio da EEEP Mário Alencar, levando em consideração a conjuntura da disponibilidade de horários e as atividades cotidianas, bem como as atitudes dos jovens em relação à leitura do livro *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, que foi o nosso objeto de análise. A intervenção pedagógica foi realizada durante o horário de aula, em formato de rodas de conversa, o que possibilitou uma maior interação entre os alunos e a professora.

Palavras-chave: Sociologia. Literatura. Juventudes.

ABSTRACT

This work aims to present a didactic sequence, carried out as a research product for the Professional Master's Degree in Teaching Sociology in the research line Youth and contemporary themes with an emphasis on the teaching of Sociology. Sociology has many relevant themes and its importance is consolidated in the formation of a young person who is critical and aware of reality. Considering this situation, the reading habits of young people who attend EEEP Mário Alencar are observed. For the analysis, an intervention project was carried out, instrumentalized from the construction of a didactic sequence, using as inspiration the teaching methodology referenced in historical-critical pedagogy, designed by professor João Luiz Gasparin, prioritizing dialogues and reflections on the contents studied in classroom, with the reading of the short story *The Lottery* by Shirley Jackson and the implementation of a school literary project, *Ciranda de Leitura*, where the main objective is to use literature as a tool for teaching Sociology. The classes were planned for the first and second year classes of high school at EEEP Mário Alencar, taking into account the availability of schedules and daily activities, as well as the attitudes of young people in relation to reading the book '*O Auto da Compadecida*' by Ariano Suassuna, who was our object of analysis. The pedagogical intervention was carried out during class hours, in the format of conversation circles, which enabled greater interaction between the students and the teacher.

Keywords: Sociology. Literature, Youth.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
D.S	Curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
EEMTI	Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PCNS	Parâmetros Nacionais Comum Curriculares
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica
SPAEC	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
SEDUC	Secretaria de Educação
TESE	Tecnologia Empresarial Socioeducacional

LISTA DE QUADROS

- | | |
|----------|--|
| Quadro 1 | Curriculum de Sociologia no 1º ano do ensino médio na EEEP Mário Alencar |
| Quadro 2 | Curriculum de Sociologia no 2º ano do ensino médio na EEEP Mário Alencar |
| Quadro 3 | Ciranda de leitura 1º e 2º ano do ensino médio na EEEP Mário Alencar |
| Quadro 4 | Plano de ensino – O Auto da Comadecida – Ariano Suassuna |
| Quadro 5 | Plano de ensino – A Loteria – Shirley Jackson |

LISTA DE FIGURAS

- | | |
|-----------|--|
| Figura 1 | Foto entrada da escola EEEP Mário Alencar |
| Figura 2 | Foto do pátio da escola EEEP Mário Alencar |
| Figura 3 | Estudantes Enfermagem 2023, no 1º ano |
| Figura 4 | Atividade – Mapa Mental – Enfermagem 2023 |
| Figura 5 | Estudantes Desenvolvimento de Sistemas 2023, no 1º ano |
| Figura 6 | Atividade – Mapa Mental - Desenvolvimento de Sistemas 2023 |
| Figura 7 | Estudantes Enfermagem 2024, no 2º ano |
| Figura 8 | Atividade – Mapa Mental – Enfermagem 2024 |
| Figura 9 | Estudantes Desenvolvimento de Sistemas 2024, no 2º ano |
| Figura 10 | Atividade – Mapa Mental – Desenvolvimento de Sistemas 2024 |
| Figura 11 | Estudantes Redes de Computadores 2024, no 1º ano |
| Figura 12 | Atividade – Mapa Mental - Redes de Computadores 2024 |

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos (Geral e Específicos)	22
1.1.1 Objetivo Geral	24
1.1.2 Objetivos Específicos	24
1.2 Metodologia	24
2. APRESENTAÇÃO	28
2.1 - As escolas de Educação Profissional	28
2.2 - A EEEP Mário Alencar	31
2.3 – Os estudantes da EEEP Mário Alencar	38
2.4 - O currículo escolar	41
3. O PROJETO DE INTERVENÇÃO: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	51
3. 1. Projeto Ciranda de Leitura	52
3.1.1 – A Ciranda de Leitura e a Sociologia	56
3.2 - Proposta de intervenção para a Sociologia	57
3.3 – A intervenção pedagógica	59
3.4 – O Plano de Atividade “ Auto da Comadecida”	59
3.5 – O Plano de Atividade “ A Loteria”	59
3.6 – A vivência/experiência das aulas	60
3.7 - Síntese – Uma reflexão depois da aula	75
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79

6. APÊNDICE

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa elaborar uma sequência didática que aproxime o ensino de Sociologia e a literatura juvenil, embasado também por uma pesquisa científica com a temática da juventude e questões contemporâneas. O trabalho intitulado “A Sociologia e a Literatura: ampliando o pensamento sociológico através de sequência didática”, aborda questões pertinentes às desigualdades educacionais, diversidade e interculturalidade. Explora-se o repertório literário acumulado pelos jovens ao longo de suas vidas por meio do hábito da leitura, o qual impacta na aquisição e acumulação de capital cultural, que, segundo Bourdieu (2015, p. 62), aborda o domínio do vocabulário e uma síntese herdada por cada indivíduo em seu meio, preparando-o para os jogos escolares. Além disso, investiga-se o papel dos currículos escolares na promoção ou obstrução dessa aquisição e na interface dos conteúdos literários com temas sociológicos que podem ser explorados em sala de aula.

Para realizar esta tarefa, este trabalho partiu de minha experiência docente aliada à investigação com estudantes do ensino médio da Escola Estadual de Educação Profissional Mário Alencar na periferia da cidade de Fortaleza, no Ceará, na qual atuo. Para isso, além do acompanhamento docente, realizado diariamente com os estudantes, foram aplicados questionários e se realizou a construção de uma sequência didática que visava discutir as formas de apreensão da literatura por parte dos jovens a partir de duas obras literárias, *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e *A Loteria*, de Shirley Jackson. O esforço contribui com a proposta do ProfSocio de construir materiais didáticos que possam ser usados no ensino de Sociologia na educação básica.

Considerando que são poucas as ocasiões em que podemos observar a integração do que os jovens consomem diariamente como uma ferramenta para uma aprendizagem mais próxima da sua realidade, a literatura poderia desempenhar um papel fundamental nesse sentido, pois, na atualidade, muitos jovens consomem uma ampla gama de literatura dos mais variados gêneros e formas e identificam-se com os temas abordados na escrita atual. A leitura de obras literárias mudou com a cultura digital, e hoje em dia, os jovens podem acessar obras que não têm versões impressas e que estão intimamente ligadas às suas realidades juvenis, diferentemente das obras produzidas pela cultura impressa, cuja abrangência era regulada pela distribuição das editoras.

Na concepção de práticas de leitura, também são consideradas as ações realizadas antes

ou depois do ato de ler pelo jovem leitor. Essas ações incluem formas de apropriação dos materiais literários, modos de compartilhar informações sobre as obras lidas, buscas por obras semelhantes ou por autores conhecidos, entre outras atividades que criam as condições para a leitura de obras literárias digitais (ARAÚJO; FRADE, 2021, p. 03).

Como professora do ensino médio na rede pública do Ceará, na cidade de Fortaleza, ao observar as vivências e os conhecimentos trazidos pelos jovens para o ambiente escolar, percebi que essas experiências estão intimamente ligadas às suas culturas e realidades juvenis. Eles percebem sua relação e interação com o meio e a cultura circundante, moldada por suas relações familiares e pelo acesso a formas culturais como o cinema, o teatro e, principalmente, os livros. Estes últimos são adquiridos por empréstimo entre colegas, retirados da biblioteca da escola, comprados, baixados em formato PDF da internet ou lidos em *sites* que publicam textos de autores menos conhecidos. Podemos identificar que a aquisição desse capital cultural às vezes é influenciada pela família, enquanto em outras situações é motivada pelo interesse pessoal do jovem em algo com o qual se identifique em sua individualidade, e esse processo pode continuar a se desenvolver no ambiente escolar, onde essas leituras são frequentemente ampliadas e encorajadas por professores e colegas.

Essa tarefa se faz importante sobretudo porque, para muitos estudantes, a escola é o único lugar em que têm acesso a livros: se os alunos de classe popular não têm condições de comprá-los, os de classe média não costumam investir nesse tipo de bem (Amaral e Adms, 2019 *apud* GUEDES; SOUZA, 2011).

Como diferentes forma de capital [simbólico] que se defrontam e se reconhecem para os jovens na atualidade devido ao acesso às mídias e redes sociais, os elementos culturais de todas as partes do mundo estão disponíveis na palma das mãos através dos *smartphones* e das suas respectivas redes sociais. Com isso, os jovens conseguem se conectar com pessoas de várias localidades e de culturas diferentes, claramente observado com o interesse hoje dos jovens por *mangás*, por *doramas* e bandas de *k-pop*, para exemplificar alguns casos. Dessa forma, muitas vezes, eles passam a estranhar e a não se reconhecer nas suas realidades e culturas mais locais. Observei isso durante a execução da atividade proposta neste trabalho (e que será detalhada adiante) e a aplicação do plano de aula sobre *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna: uma das estudantes mencionou que a cultura nordestina retratada no livro estava mais relacionada aos pais e avós, ao passado, enquanto eles se sentiam mais conectados com a “modernidade”. Nesse contexto, a escola acaba “ficando para trás”, incapaz de acompanhar as transformações juvenis, com seus currículos engessados, apesar de o currículo

ser considerado um artefato social e cultural, conforme explicam Moreira e Silva (1992).

Podemos perceber que existem culturas reconhecidas e as culturas banalizadas, ou seja, algumas valorizadas e outras não. Mesmo a Sociologia, em sua abordagem “tradicional” da produção cultural, reforça a ideia da cultura erudita como “superior”, como em Adorno (2004), que critica a produção cultural mediada pelo capitalismo, pautada na produção industrial e padronizada para ser consumida de forma rápida, sem reflexão por parte do receptor, promovendo a alienação, o que chama de indústria cultural, e a contrapõe à cultura erudita como uma produção superior, baseada em altos valores estéticos.

Tal perspectiva, todavia, vem sendo criticada por autores mais contemporâneos, porque Adorno (2004) e seus colegas da chamada Escola de Frankfurt, subestimaram a ação do receptor, daí, Certeau (2012) destacar o papel do sujeito como *consumidor*, porque o termo é mais complexo do que *receptor*, já que consumo envolve não somente adquirir um produto, mas construir uma elaboração sobre ele, perspectiva compartilhada também por Canclini (2000).

O campo literário é privilegiado enquanto objeto de estudos sociológicos, como em Bourdieu (1996), que analisa a forma como a arte se transformou em um campo social autônomo a partir do desenvolvimento da sociedade burguesa e da criação de padrões estéticos específicos, que atribuem valor diferenciado a seus portadores, dentro da lógica dos capitais simbólicos. É este mecanismo que classifica o que é “melhor” ou “superior” na arte e define uma hierarquia que é mantida pelos participantes do campo.

Essa hierarquia, expressa na própria ideia de cultura erudita, é reproduzida não somente pelos atores do campo artístico (os artistas), mas também por outros campos, em especial, o campo educacional, que inculca nos estudantes a ideia de uma divisão entre culturas “boas” e “ruins”, entre arte de valor e arte sem valor.

Daí, vemos as escolas, que tomam a literatura como disciplina curricular, reproduzindo a ideia de uma “boa” e uma “má” literatura, classificando o que deve ser estudado e o que não deve. Com isso, a própria escola reforça a valorização dos clássicos, da literatura associada à cultura erudita, que muitas vezes é bem distante da realidade das juventudes que frequentam as instituições públicas brasileiras. Ao mesmo tempo, vemos a literatura acessada de modo espontâneo pela juventude classificada como sem importância ou banalizada. Tal qual o discurso encampado por Adorno (2004), essa literatura é taxada como padronizada, para ser consumida de forma rápida.

Porém, a partir das noções de Bourdieu (1996), Canclini (2000) e Certeau (2012), é preciso criticar essa postura e compreender que a classificação da chamada literatura juvenil

(porque é consumida pelos jovens) como algo *menor* é parte da operacionalização dos valores de consagração do campo artístico e não um valor em si mesmo. Ou seja, tal classificação é fruto da disputa entre portadores de valores distintos na luta simbólica pelo poder dentro de seu campo social de atuação.

Livres da condição de julgamento, de classificar tal literatura como boa ou má, nos cabe como pesquisadores entender como se dá esse consumo e, mais importante, refletir no modo como seria possível aproveitar a espontaneidade dessa leitura por parte dos jovens, e que independe dos currículos escolares, para estimular a prática da leitura e ampliar o interesse dos estudantes no currículo escolar.

Dessa forma, é importante perceber como os jovens estão interagindo com essa cultura literária específica e como ela está chegando até eles. Em vista do desenvolvimento tecnológico e na ampliação do acesso, hoje, os livros podem ser acessados de forma mais democrática, quando se pode baixar o conteúdo no formato PDF direto da internet, gratuitamente, sendo em algumas vezes também alugado ou na biblioteca da escola ou através de empréstimos de colegas que possuem um determinado livro que “está na moda”, como foi com *Jogos Vorazes* de Suzanne Collins, entre outros exemplares percebidos nesta investigação.

A juventude é um ator social marcado por uma forte vinculação entre o consumo de bens culturais e a geração de processos identitários (DAYRELL, 2003, 2007), o que torna a análise daquilo que os jovens “gostam” um elemento importante para compreender como desenvolvem seus processos de sociabilidade e de adesões a estilos de vida. Assim,

Os estudantes do ensino médio estão inseridos nesse processo não somente por sua idade, mas especialmente por reivindicarem elementos fortes da simbologia estética e do estilo de vida representados nas culturas juvenis: processos de autoidentidade impulsionados por sociabilidades ancoradas em práticas que envolvem o consumo de bens culturais. (LIMA FILHO, 2020, p. 196).

Ainda que os estudos a partir do consumo de bens culturais relacionados à música (DAYRELL, 2007; LIMA FILHO, 2020) sejam muito comuns, a literatura também é fonte de bens que associam jovens em torno de agrupamentos identitários, e isso acontece na escola. Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (FAILLA, 2020), 52% da população brasileira pode ser considerada leitora, ou seja, leu um livro ou parte dele nos últimos três meses. Porém, é justamente naqueles com idade escolar que os índices são mais altos: entre 14 e 17 anos (faixa etária próxima à do ensino médio) é de 67%, ainda que o estudo identifique uma redução de oito pontos percentuais em relação à edição anterior da pesquisa, de quatro anos

antes. Entre 2015 e 2019, contudo, o número de leitores se elevou na primeira infância, chegando a 71% e 81% nas faixas etárias de 05 a 10 e 11 a 13 anos de idade, respectivamente, com aumento de quatro pontos percentuais na primeira faixa e queda de três pontos na segunda.

O fato dos índices mais altos de leitores estar concentrado até os 17 anos é um indicador de que a educação formal é um fator fundamental à leitura no Brasil, o que aumenta ainda mais a responsabilidade da escola em fomentar a leitura como um hábito entre seus estudantes. Essa relação, que será aprofundada ao longo deste trabalho, passa pela estruturação do currículo escolar.

Nesse cenário de construção do conhecimento e aquisição de capital escolar, o currículo é a grande estrutura viva que define o que os estudantes terão contato ao longo de sua vida estudantil. O currículo é um campo de disputas pela grande importância que carrega, assim, é de fundamental importância que esteja alinhado com o que se pretende para a educação dos jovens, contribuindo para sua formação crítica e consciente da realidade que os cerca, em consonância com as orientações da BNCC (Base Nacional Curricular Comum).

A BNCC é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos das escolas brasileiras devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, no nosso caso dando ênfase ao ensino médio.

O texto apresenta a BNCC como resposta aos problemas do ensino médio, considerado um gargalo na garantia do direito à educação, e retoma argumentos levantados no período de tramitação da MP 746/2016, inclusive, aqueles difundidos nas propagandas televisivas do governo federal.

(...) A versão oficial da BNCC apresenta a configuração do Novo Ensino Médio, isto é, uma etapa organizada em regiões de conhecimento que diz não excluir as especificidades e saberes disciplinares, mas no modo como sistematiza o currículo recria fragmentações e reforça centralidades ao priorizar alguns conhecimentos em detrimento de outros (LOPES, 2021, p.269).

Como Moreira e Silva (1992) nos explicam, o currículo é considerado um artefato sociocultural, significando que é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história e de sua produção contextual. Entendendo que o currículo é um percurso a ser feito com os conteúdos a serem estudados e aprendidos, e que os professores enfrentam um desafio significativo ao adaptar o currículo às experiências e necessidades dos alunos, os professores de Sociologia desempenham um papel crucial nesse processo, dado que o ensino dessa disciplina está intrinsecamente ligado aos processos sócio-políticos e culturais de nossa época. Enquanto isso, a literatura atua como um reflexo da sociedade da época em que foi escrita, abordando temas relevantes daquele momento que podem ser observados e analisados

no contexto contemporâneo. Dessa forma, a literatura desempenha um papel fundamental no apoio ao ensino da Sociologia.

Assim, é necessário pensar novas práticas, principalmente com as mudanças implementadas pela nova BNCC, desta forma urge a necessidade de novas estratégias de acesso à cultura, que devem ser consideradas visando proporcionar aos jovens oportunidades de acumular conhecimento, capital cultural e interesse em literatura, além de assistir filmes que os auxiliem a compreender sua posição na sociedade e a construir uma realidade mais promissora. O lugar desse debate e construção é a escola, e uma das principais dificuldades são as redes sociais, as *fake News*, e a cultura consumida pela internet, e de como as juventudes interagem, consomem e pensam essa relação, por que, muitas vezes, sua leitura de mundo é feita através das telas do *smartphone* e sem nenhuma criticidade.

Diante disso, a utilização de recursos das metodologias ativas, como rodas de conversa e discussões sobre o cotidiano dos estudantes, além do uso de outros espaços da escola, como o pátio e a sala de aula, juntamente com o auxílio da transposição didática, foi planejada e aplicada na sequência didática com os estudantes, que é o produto final deste trabalho.

Assim como a relação com qualquer tipo de conhecimento varia de grupo para grupo fora da escola, a relação oficial do aluno com o conhecimento vai mudar com o passar do tempo ou, para ser mais exato, com o passar do tempo didático (CHEVALLARD, 2013, p.14).

Dessa forma, a Sociologia como componente curricular na escola pode contribuir para uma percepção mais ampla do mundo pelos estudantes. O processo de desnaturalização e estranhamento, trabalhado com os estudantes, pode se tornar mais fácil de interpretar quando eles se deparam com a literatura retratando histórias que ilustram conceitos previamente explicados pelo professor.

A BNCC traz consigo, portanto, um grande desafio. Com a reforma do Ensino Médio, a área das Ciências Humanas acabou perdendo espaço na matriz curricular, ficando uma parte da carga horária da área supracitada para a base diversificada. Trabalhar a Sociologia se tornou um desafio ainda maior, sendo necessário mais ferramentas e métodos para auxiliar na construção do raciocínio sociológico dos estudantes.

Apesar de as práticas de ensino e aprendizagem não serem um reflexo direto do texto oficial, como afirma Bernstein (1996), documentos como a BNCC são orientadores e norteiam a reorganização dos currículos estaduais, dos projetos políticos pedagógicos (PPP) escolares, a distribuição das disciplinas em cada ano da etapa do ensino médio, a carga horária e os processos de avaliação. Desta forma, os efeitos da BNCC no

ensino médio podem ser sentidos principalmente nas áreas que passaram a ser consideradas não obrigatórias e não prioritárias, como a de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e seus respectivos componentes disciplinares (Sociologia, Filosofia, História e Geografia) (LOPES, 2021, p. 247).

O presente trabalho teve como objetivo conciliar a Sociologia estudada em sala de aula com a literatura acessível aos estudantes dentro da escola. Agregando valor educativo e humanizado, a literatura carrega reflexos da sociedade do seu tempo, mas as reflexões são trazidas pela Sociologia, unindo-as para contribuir à ampliação da construção do raciocínio sociológico e no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes.

Como ferramentas de apoio, utilizei o *Projeto Ciranda de Leitura*, uma iniciativa institucionalizada na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Mário Alencar, situada no Conjunto Sítio São João, bairro Jangurussu, em Fortaleza. Esse projeto, encampado na escola pela área de Linguagens e suas Tecnologias, proporciona aos estudantes acesso a títulos de literatura nacional e mundial que estejam disponíveis na biblioteca da instituição, contribuindo para a aquisição de capital cultural ao selecionar textos que, mesmo não classificados dentro da literatura juvenil propriamente dita (ou seja, do “gosto” imediato dos jovens), seleciona livros mais acessíveis, que possam ser aprazíveis aos estudantes. O projeto funciona como uma atividade extraclasse, sendo, portanto, complementar ao currículo literário da escola. Por meio da *Ciranda de Leitura*, trabalhei com os estudantes, a obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Além disso, como forma de aprofundar o desenvolvimento da sequência didática e buscando mobilizar temas próprios das aulas de Sociologia, trabalhamos também com o conto *A Loteria* de Shirley Jackson, inspirada na experiência relatada por Bezerra e Romko (2016), no qual os autores compartilham suas experiências com a transposição didática em turmas de uma escola da rede pública de Curitiba. Conforme avançamos na leitura do artigo, podemos perceber como o uso da literatura, através de leituras coletivas e da escuta dos estudantes, contribui significativamente para a construção de seus aprendizados. Optamos por usar o mesmo conto, também, porque a escolha dos livros do Projeto Ciranda de Leitura para o ano letivo de 2024 ter sido realizada sem a participação da área de Ciências Humanas e focando em títulos do período naturalista, o que consideramos menos interessante para o propósito da atividade.

Dessa forma, o presente trabalho se deu através da aplicação da sequência didática associada aos textos mencionados e aos conteúdos da disciplina de Sociologia por meio de um Plano de Aula ao longo dos anos letivos de 2023 e 2024 com turmas de 1º e 2º anos. A realização

da sequência se deu de forma presencial, pensando previamente em um horário específico, que é destinado à disciplina complementar de Projeto Integrador, que consistem em duas aulas de cinquenta minutos por semana. Parte do currículo específico das escolas profissionais (EEEPs) do estado do Ceará, essa disciplina é destinada ao aprofundamento em conteúdos e disciplinas pertinentes aos cursos, e são de grande importância para o fortalecimento da aprendizagem dos estudantes.

As turmas são montadas a partir das escolhas dos alunos, e são oferecidos diversos projetos, como por exemplo: Olimpíadas de Ciências Humanas ou o Clube de Fotografia. Mas, no caso específico desta pesquisa, a aplicação se deu em um tempo alternativo com a mesma duração: dois horários de cinquenta minutos. As atividades ocorreram no formato *roda de conversa*, em um grande círculo debaixo de uma árvore no pátio da escola, onde os estudantes tiveram outro contato com o livro selecionado, neste caso, *O Auto da Comadecida*, para os estudantes do 1º ano (nos anos de 2023 e 2024), e *A loteria* para os estudantes do 2º ano (no ano letivo de 2024). Os temas de Sociologia abordados na atividade foram os conceitos de trabalho, classes sociais, cultura, religião, poder político e vida em sociedade.

Durante a aplicação do trabalho no ano letivo de 2024, foram necessários alguns ajustes, como a continuidade dos horários alternativos, utilizando ocasionalmente os horários das aulas de Geografia, disciplina na qual estava lotada. Um ponto importante a destacar é a rigidez dos horários e da mobilidade dentro da carga horária para lecionar outros conteúdos, o que foi sentido durante a aplicação da atividade, dado que não era a professora titular de Sociologia dos estudantes. Diante disso, foi um verdadeiro desafio articular uma flexibilidade dentro de um currículo e plano anual escolar tão restrito em mudanças.

1.1 Objetivos

A partir do que foi apresentado, os objetivos deste trabalho se constituíram a partir da necessidade dos estudantes da EEEP Mário Alencar aprofundarem-se nos seus estudos curriculares de Sociologia, exercitando o pensamento e a imaginação sociológicos, alinhados às literaturas que são disponibilizadas durante o ensino médio, pelo Projeto Ciranda de Leitura, promovendo a leitura de outros textos e, assim, fomentando a aquisição de capital cultural.

Quando fazemos a análise do currículo, podemos conhecer as dimensões que são abordadas dentro do ensino de Sociologia e como, muitas vezes, o conhecimento apresentado em sala de aula parece estar deslocado da realidade e do cotidiano dos estudantes.

A acumulação de um capital cultural diferenciado por parte dos estudantes da EEEP Mário Alencar é aferido no momento do ingresso na escola, devido à existência de um processo seletivo a partir das notas dos estudantes no ensino fundamental e, por tal característica, já se percebe que quem poderá estudar nessa escola se diferencia da média dos demais, e essas notas corroboram para a ideia de distinção, pois ingressam na escola aqueles com as melhores notas por ordem de classificação.

Bourdieu (2015) considera a educação formal como ferramenta de reprodução da ordem social estabelecida, que garante mão de obra necessária e a manutenção da desigualdade social. O ensino médio brasileiro, enquanto etapa escolar, busca homogenizar o currículo e as práticas escolares e deixa de considerar as particularidades e as necessidades individuais e coletivas dos grupos sociais que compõem a comunidade escolar. Com isso, como apontam Carrano e Dayrell (2014) e Lima Filho (2014), deixa de considerar a diversidade da juventude dos dias atuais, que é extremamente conectada ao mundo (via internet e redes sociais) e criam uma série de processos identitários próprios, ignorados pela escola e pelos currículos.

Ciente dessas limitações, este trabalho optou por construir a sequência didática utilizando conhecimentos estudados em aula, alinhados com a literatura mencionada visando exercitar o pensamento crítico e a imaginação sociológica. Trabalhando com os estudantes na transposição didática, podemos aproximar a ciência do cotidiano deles. Esse conceito envolve a transformação dos conteúdos científicos em conteúdos escolares, conforme explicado por Chevallard (1991).

Esses saberes são polifônicos, pois carregam em sua constituição múltiplas vozes advindas do campo científico, que orienta e define as categorias de compreensão do mundo social; do campo político, que regula e legitima os conhecimentos a serem ensinados; e do campo escolar, que ressignifica o currículo oficial ao fazer a transposição didática de um conhecimento científico para um conhecimento escolar (CHEVALLARD, 2013 *apud* CIGALES, 2020).

Assim, apresento os objetivos gerais e específicos deste trabalho, ciente de que houve alterações e expansões durante sua escrita e execução, os quais representam os objetivos finais deste estudo.

1.1.1 Objetivo Geral:

Desenvolver uma sequência didática para o ensino de Sociologia que utiliza a literatura como ferramenta para auxiliar na melhor compreensão da disciplina no cotidiano escolar e contribuir na ampliação do pensamento crítico, da imaginação sociológica e na aquisição de capital cultural escolar por parte dos estudantes da EEEP Mário Alencar.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Pensar a literatura como um convite para a Sociologia, uma ferramenta para o pensamento sociológico;
- Usar o capital cultural adquirido na escola para reforçar o ensino de Sociologia;
- Apresentar os resultados de aprendizagem com a sequência didática;
- Utilizar, como inspiração, o método da Pedagogia Histórico Crítica e as percepções que os estudantes têm da literatura, para aprofundar o raciocínio sociológico;
- Incentivar e proporcionar espaço para reflexões que modifiquem a prática dos estudantes no que se relaciona à literatura que é consumida e fazer essas leituras de forma mais crítica e consciente;
- Apresentar a teoria sociológica e os conceitos sociológicos dialogando com a literatura oferecida pela escola em que estão inseridos.

1.2 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foi utilizada a pesquisa participante como metodologia de ensino e pesquisa e a observação etnográfica, por se tratar de uma realidade onde a pesquisadora e a professora são a mesma pessoa. Dessa forma permite-se pensar questões encontradas no processo ensino-aprendizagem cotidiano, além de possibilitar à pesquisa ocorrer simultaneamente com a docência, e tendo a possibilidade de vivenciar e sentir no momento como as atividades e a sequência didática estão se desenvolvendo.

Segundo Franco (2018), a etnografia é uma abordagem qualitativa antiga que envolve a construção do conhecimento através do acesso prolongado e da imersão em um ambiente,

permitindo uma compreensão profunda das ações e significados para as pessoas que o compõem. Minha observação se estende pelo cotidiano peculiar de uma escola de tempo integral, onde os estudantes permanecem o dia todo. Contudo, percebo durante meu processo de observação antropológica que há certa confusão por parte dos estudantes entre a professora e a pesquisadora.

Por estar presente diariamente com os estudantes como professora de Geografia, percebi que alguns comportamentos ocorriam naturalmente, sem que eles se preocupassem com a presença da pesquisadora. Em relação a mim, senti a necessidade de ser mais atenta nas observações e de manter certa distância deles, para garantir que as informações fossem coletadas com o cuidado e a observação necessários.

Os estudos etnográficos se aproximam dos estudos que envolvem os processos educativos pelo fato de ambos trabalharem com o conhecimento individual, respeitando a identidade de cada sujeito social, ou seja, a singularidade de cada indivíduo, instituições, grupos ou programas. A etnografia busca conhecer os fatos em profundidade, de maneira densa, a fim de comprehendê-lo enquanto unidade no contexto de suas inter-relações, possuindo assim, amplo interesse na descrição da cultura de um grupo social, enquanto que a preocupação dos estudiosos da educação é com o processo educativo pelo qual passa esse grupo (BORBOREMA, 2015, p.03).

O trabalho teve início com a primeira aplicação da sequência didática no segundo semestre de 2023, nas turmas de 1º ano dos cursos de Enfermagem e Desenvolvimento de Sistemas da EEEP Mário Alencar, com o livro *O Auto da Comadecida*. Continuando o trabalho, a atividade foi aplicada novamente no primeiro semestre de 2024. Nessa etapa, as mesmas turmas foram envolvidas, agora como turmas de 2º ano do Ensino Médio, e foi selecionada a turma do 1º ano de Rede de Computadores de 2024. Para esta segunda aplicação, o texto escolhido foi o conto *A Loteria*.

A escolha das obras foi baseada na compatibilidade de horários disponíveis tanto das turmas quanto da professora-pesquisadora, considerando também qual turma estava atualmente lendo *O Auto da Comadecida*. Como a professora-pesquisadora não era titular do componente curricular de Sociologia, as atividades foram planejadas de modo a não interferir na carga horária de Sociologia ou Geografia, sendo executadas durante horários de estudo ou projetos integradores que compõem a base diversificada do currículo.

Primeiramente, foi feito um levantamento quantitativo via *Google Forms* para identificar características socioeconômicas dos estudantes e seus hábitos de leitura, informações

essas que serão detalhadas à frente, observando que a maioria dos estudantes pesquisados tinham o hábito de ler e, conectado a isso, foi feito um levantamento com os professores da área de Linguagens e Códigos e na biblioteca, para aferir quais livros seriam utilizados no Projeto Ciranda de Leitura em 2023.

Com base nesses dados, uma análise do currículo escolar do 1º ano foi conduzida, em consonância com os DCR-CE (Documento Curricular Referencial do Ceará) e o plano anual de Sociologia da escola, a fim de avaliar os conteúdos abordados e, posteriormente considerar como eles poderiam ser complementados por meio de uma atividade diferente, como a aplicação da sequência didática mencionada anteriormente.

A sequência didática foi pensada para proporcionar uma mudança na forma de interação em sala de aula, e a inspiração na Metodologia Histórico Crítica de Gasparini (2012) pode nos trazer essa possibilidade, pois, no processo, os protagonistas do diálogo são os estudantes. Inspirando-se também em Pennac (1993) e Petit (2009), buscamos tornar a leitura mais afetuosa e proporcionar aos estudantes uma conexão mais íntima com os livros. Seguindo a ideia de Petit (2009), consideramos que essa abordagem promoverá a ideia da hospitalidade na leitura literária, enxergando a literatura como um lar, incentivando assim os jovens a se interessarem mais pelo mundo real, pelas questões atuais e sociais. Assim,

Por acreditar na vertente que focaliza a leitura como elemento essencial à formação de um espírito crítico e livre, considerado a chave de uma cidadania ativa, a autora argumenta a favor do poder que a leitura tem para provocar um deslocamento da realidade, ao abrir espaço para o devaneio, no qual tantas possibilidades de interpretação podem ser cogitadas (MUNIZ, VILAS BOAS 2015, p.02).

A literatura mobiliza também as emoções e possibilita muitos potenciais, inclusive de discurso.

Se o discurso fornece o que é dizível sobre uma prática e sobre os sujeitos que a exercem, ele também regula o tipo de emoção consensualmente adequada na enunciação dessa prática. São principalmente dois os modos de expressão das emoções ao se enunciar sobre a leitura: 1) quando se faz referência explícita a ela; 2) quando o modo de enunciar permite depreender um ou outro estado afetivo relativo à leitura (CURSINO, 2022).

Por isso, foi pensado um momento diferenciado em que os estudantes saem da sala de aula e tudo acontece no formato de uma roda de conversa, onde o primeiro ponto é: como foi a vivência cotidiana do conteúdo, como foi pra eles lerem o livro e se foi interessante. No segundo momento, seguindo a sequência da metodologia, trazemos a problematização: o que eles perceberam de conteúdo de Sociologia no texto lido; que conceitos conseguem identificar a

partir disso; e iniciam-se as discussões sobre os conteúdos e suas respectivas dimensões.

A instrumentalização ocorre de maneira mais informal para trazer a ideia de algo mais leve, aprender com facilidade e, no caso, o material utilizado é o livro e o conto impresso que foi disponibilizado para a leitura. A ação didático-pedagógica se dá através da roda de conversa mediada pela professora e os recursos utilizados são, como já mencionado, o livro de literatura e folhas A4, onde são construídos os mapas mentais, que consistem em uma síntese em palavras-chave ou frases curtas, sintetizando o que foi aprendido durante a atividade proposta, lápis e canetas. Já na catarse, a síntese mental do aluno e expressão da síntese, proponho a construção de um mapa mental em equipe para que os estudantes possam, assim, sintetizar os conceitos e as relações que foram percebidas durante a atividade, e o fechamento é a avaliação de como a obra literária é percebida, sendo essa a prática social final.

Neste momento, pude observar que os alunos adquiriram uma nova percepção sobre a obra, revelando raciocínios e pensamentos sociológicos nas suas páginas. Esta percepção foi evidenciada durante a nossa atividade.

Apresentada em linhas gerais a atividade, vamos agora detalhar a escola na qual foi realizada.

2. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

Neste capítulo, abordaremos uma breve apresentação do modelo de escolas profissionais, focando na escola em que a professora-pesquisadora atua, e também, uma descrição sucinta do perfil dos estudantes dessa escola. Tais descrições são necessárias pelas suas particularidades, a saber, a forma de ingresso, o cotidiano escolar, os resultados nas avaliações externas (SPACE, SAEB, ENEM, dentre outras) e a procura crescente por vagas no modelo de instituição já citada.

2.1 As Escolas de Educação Profissional

O ensino médio é um momento importante na vida do jovem seja para a preparação para o ensino superior, seja como uma etapa que antecede o ingresso no mercado de trabalho, bem como uma maior preparação para o exercício pleno e integral da cidadania.

A escola e suas etapas, segundo Bourdieu (2015), operam com o objetivo da conservação social, garantindo legitimidade às desigualdades sociais e sustentado a ideia da meritocracia. As escolas profissionais, que dentro da rede pública de ensino operam sob o critério da seleção de seus alunos, são um exemplo para os critérios de eliminação de estudantes menos favorecidos, isso porque os estudantes passam por um processo seletivo para o ingresso numa escola profissional.

As escolas profissionais têm figurado como uma possibilidade de distinção escolar, aparentando um tipo de escola diferenciada, em que estudantes diferenciados aderindo aos seus princípios, estarão mais bem capacitados para acolher as oportunidades, seja no mercado de trabalho, ou no universo acadêmico das universidades. Esses “bons alunos” são apontados a partir de algumas características que perpassam por análises quantitativas de notas escolares, já

que só ingressam numa escola profissional as melhores notas obtidas durante o ensino fundamental. Esses estudantes são filhos de famílias algumas vezes mais abastadas que possuem um capital cultural e social mais elevado, muitas vezes diretamente ligados também à posse do capital econômico e em outras famílias que os pais viram na escola uma mudança de realidade através da educação.

No avançar de sua obra, Lahire (2002, 2004 e 2006) demonstra sociologicamente que a experiência individual implica em considerar o efeito sincrônico e diacrônico de

múltiplas influências sociais, em parte contraditórias e mesmo antagônicas, agindo sobre o mesmo indivíduo, em diferentes espaços e tempos físicos e sociais. Implica ainda considerar o modo como os indivíduos articulam internamente essas diferentes influências e as utilizam em suas ações práticas. (SANTOS, 2017).

O ensino médio (EM), enquanto etapa da educação escolar, possui diferentes sentidos de acordo com o agente social que o designa. A LDB (1996) nos apresenta em seus artigos primeiro e segundo que são as instituições que estruturam e definem suas funções e objetivos, o delimitam como a etapa que prepara o estudante para o exercício pleno da cidadania, o acesso à universidade e a inserção no mercado de trabalho. Todos os objetivos com a destinação clara de ampliar e desenvolver as capacidades dos jovens. Assim, ainda de acordo com a LDB (1996), entende-se que a principal missão de uma escola é ensinar, ou seja, produzir e transmitir conhecimento ao estudante de modo a prepará-lo para a vida nos contextos produtivo e pessoal. Na dimensão produtiva, essa formação deverá transformá-lo em um jovem autônomo e competente, e na dimensão pessoal, um jovem solidário e consciente do seu papel na sociedade.

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LDB, 2017).

Dentro desta perspectiva, no Ceará, a partir de 2008, foi implementado o Plano Integrado de Educação Profissional e Tecnológica do Ceará (CEARÁ, 2008) e a instauração das Escolas Estaduais de Educação Profissional (EEEPs) que integram o currículo regular do ensino médio a uma formação técnica específica, dentre várias disponíveis. Quando o programa foi iniciado foram implantadas 25 escolas do tipo no estado, e hoje contam-se com 122 instituições, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Dizem os termos da Lei Estadual Nº 17.558, de 14.07.2021:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a Política de Educação Profissional articulada ao ensino médio, no âmbito da Rede Estadual de Ensino do Ceará, objetivando garantir aos alunos a aquisição, conjugada ao ensino regular, de competências profissionais que os tornem aptos para a inserção e atuação no mercado trabalho e na vida em sociedade.

Parágrafo único. A Política a que se refere o caput terá os seguintes objetivos específicos:

I – Ampliar oportunidades para a formação integral dos jovens cearenses de modo a respeitar seus projetos de vida, além de prepará-los para o mundo do trabalho. (LEI 17.558, 14.07.2021).

As escolas profissionais possuem orçamento diferenciado, seleção de professores e infraestrutura mais elaborada, possuindo laboratórios para os cursos que são ofertados, currículo e tecnologia de gestão distinta, a TESE (Tecnologia Empresarial Socioeducacional) que é uma filosofia adotada pelos Centros de Ensino Experimental do Estado de Pernambuco, e trazida para as escolas profissionais do Ceará. É regida, segundo os documentos oficiais, por uma lógica pautada em princípios fundamentais de cunho ditos humanísticos que têm como pontos relevantes, em sua própria concepção, a construção de uma “base sólida”, na qual líderes e liderados sejam dotados de espírito de servir, humildade para trabalhar em equipe e habilidades de comunicação. As EEEPs funcionam em regime de tempo integral, garantindo estágio remunerado no final do 3º ano, e vêm trabalhando na capacidade de aprovação dos alunos no ensino superior, tanto em Universidades Federais como com bolsas de estudos. Além disso, possuem seleção formal para ingressantes, que se dá por análise do Histórico Escolar do Ensino Fundamental, como também possuem 20% das vagas destinadas a estudantes da rede privada de ensino.

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a criar mediante Decreto, na estrutura organizacional na Secretaria da Educação - SEDUC, Escolas Estaduais de Educação Profissional - EEEP, sendo-lhes asseguradas as condições pedagógicas, administrativas e financeiras para a oferta de ensino médio técnico e outras modalidades de preparação para o trabalho.

Parágrafo único. Para garantir a necessária articulação entre a escola e o trabalho, o ensino médio integrado à educação profissional a ser oferecido nas Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP, terá jornada de tempo integral (LEI 14.273, 19.12.08).

Devido a essas características, tais escolas apresentam melhores indicadores nas avaliações educacionais externas em comparação às demais escolas estaduais, denominadas de

escolas regulares, e também, em relação às escolas de tempo integral, chamadas EEMTI. Assim, as EEEPs estão entre as escolas em que as famílias que priorizam a educação de seus filhos planejam matriculá-los ao saírem do ensino fundamental, visto que percebem boas oportunidades educacionais para o desenvolvimento escolar dos filhos. Como diz Santos,

Essas escolas de ensino integral-profissionalizante figuram com uma significação positiva diante dos pais e alunos em geral. A partir de observações de dentro do universo escolar cearense, em conversas informais com professores da rede pública estadual e também com alunos, foi possível perceber que tais escolas ganharam um certo status e uma primazia dentro da política educacional estadual e boa reputação entre pais e alunos. (SANTOS, 2017, p. 20).

E é em uma dessas escolas profissionais que realizaremos a atividade de pesquisa e sequência didática, a EEEP Mário Alencar.

2.1 A EEEP Mário Alencar

A Escola Estadual de Educação Profissional Mário Alencar situa-se na periferia de Fortaleza, capital do Ceará, localizada no Conjunto Habitacional Sítio São João, no bairro Jangurussu, situado a 12 km do Centro da cidade, numa área periférica localizada entre o bairro Conjunto Palmeiras e a comunidade São Cristóvão (também no Jangurussu). Esta região no extremo sul do território de Fortaleza reúne alguns dos bairros mais pobres da cidade, bem como aqueles com menor IDH, e o conjunto desses bairros (Jangurussu, Barroso, Conjunto Palmeiras, Ancuri, Pedras) é chamado informalmente de Grande Jangurussu e também faz fronteira com dois municípios da Região Metropolitana de Fortaleza: Itaitinga e Maracanaú. Importante ressaltar que o Jangurussu está na Secretaria Executiva Regional 9 e Fortaleza também é dividida em territórios (que são subdivisões das regionais). A regional 9 tem 3 territórios: 31, 32 e 33. O Grande Jangurussu corresponde aos territórios 32 (Conjunto Palmeiras e Jangurussu) e 33 (Ancuri, Pedras e Parque Santa Maria). Em vista do uso nativo pelos estudantes e pelos operadores educacionais, adotamos a terminologia do Grande Jangurussu (em vez de apenas o bairro homônimo), porque os estudantes da EEEP advêm dos bairros dessa região.

Figura 1 – Foto entrada da escola EEEP Mário Alencar



Foto tirada pela autora.

A Mário Alencar destina-se à oferta de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, e em regime integral, com 09 horas aula ao dia, nos horários de 07h20 às 16h40, onde os alunos recebem três refeições diárias, sendo dois lanches e um almoço. Conta com doze turmas e os seguintes cursos profissionais de nível técnico: Desenvolvimento de Sistemas, Enfermagem, Eventos e Redes de Computadores.

A estrutura física da escola é a de um modelo Liceu, um padrão adotado pelo Governo do Estado do Ceará baseado na estrutura do Liceu do Ceará, escola fundada em 1845, localizada no bairro Jacarecanga, contíguo ao Centro, e que, por muito tempo, foi o maior exemplo de escola pública de qualidade. Sua estrutura é organizada de modo a ter planta quadrada com pátio interno e pelo menos dois andares. Algumas dessas escolas do tipo Liceu foram construídas em Fortaleza, em bairros como Vila Velha, Conjunto Ceará, Planalto Ayrton Sena e Messejana, mas a Mário Alencar foi transformada, conforme veremos, no modelo EEEP.

Desta forma, é uma escola adaptada para o ensino integral, composta de salas de aula, sala multifuncional, laboratório de Informática Educativa, laboratório de *hardware*, laboratório de enfermagem, laboratório multifuncional de Ciências, uma quadra de esportes, pátio descoberto e bloco administrativo composto por: salas da gestão, secretaria e sala dos professores, a parte da cozinha e espaço coberto para refeições, além de banheiros para

funcionários, professores e estudantes.

Figura 2 - Foto do pátio da escola EEEP Mário Alencar



Foto tirada pela autora

Iniciou seu funcionamento em agosto de 2008, com 180 alunos matriculados no 1º ano, e atualmente encontra-se com matrícula de aproximadamente 495 alunos, distribuídos nos quatro cursos citados, portanto, com onze turmas funcionando, e uma média de 45 alunos por turma.

A gestão da escola fundamenta-se, como já escrito, na Tecnologia Empresarial Socioeducacional (TESE), por isso, essa formação técnica das escolas profissionais, em grande medida, parece se encaixar em um modelo de escola neoliberal descrito por Laval (2004), que designa um modelo escolar que considera a educação um bem privado e, antes de tudo, econômico.

A TESE destaca ainda que a educação de qualidade deve ser um negócio da escola, e como tal, deve gerar resultados para todos os envolvidos no processo educacional, ou seja, educando, educadores, pais, comunidade, gestores e parceiros. Nessa medida os estudantes são cobrados de uma forma adaptada a uma economia capitalista e a uma sociedade mercadológica, embora trate -se de uma escola pública.

A educação de qualidade deve ser o negócio da escola - o que ocupa a mente de cada um dos seus integrantes, de acordo com suas áreas específicas; deve gerar resultados – satisfação da comunidade pelo desempenho dos educandos, educadores e gestores. Todos estão a serviço da comunidade e dos investidores sociais e devem se sentir realizados pelo que fazem e pelos resultados que obtêm. (TESE,2006).

Na identidade que a escola promove, destacam-se, ainda, as cinco premissas que se colocam como princípios básicos que norteiam a ação na EEEP Mário Alencar: Protagonismo Juvenil, Formação Continuada, Atitude Empresarial, Corresponsabilidade e Replicabilidade, premissas essas referenciadas no manual TESE, já citado.

O discurso é da ação de incentivadores e formadores do protagonismo juvenil, dos educadores darem oportunidade aos jovens para participarem em todas as ações da escola e prepará-los para construir seu projeto de vida. O princípio da formação continuada contempla o educador como sujeito de seu processo contínuo de formação. A atitude empresarial volta-se para o alcance dos objetivos pactuados, em que os educadores buscam uma educação comprometida com o exemplo e a presença. O princípio da corresponsabilidade considera que o poder público, os educadores e a comunidade estarão comprometidos com a qualidade e o sucesso da educação, e a replicabilidade torna a experiência replicável de modo que alcance a todas as escolas da rede pública num futuro breve.

Mais importante aqui cabe o questionamento se o ensino e aprendizagem realizado dentro dos muros de uma EEEP limita-se somente a buscar a inserção profissional e acadêmica, produzindo de acordo com a ideia capitalista que esta mão de obra qualificada rapidamente e pronta para o mercado de trabalho, já que está dentro dos princípios de um sistema educacional que preza pela competitividade e se estrutura em um modelo empresarial de eficiência e eficácia, mantendo a sua capacidade humanizadora de agregar a emancipação política e o desenvolvimento individual e coletivo ao estudante.

O novo dogma impõe uma universalização do modelo profissional que se torna, pouco a pouco, a norma da escola. Essa oscilação é, por outro lado, apresentada frequentemente pelos altos funcionários da Educação nacional ou pelos jornalistas como a maior revolução da escola nas últimas décadas. Trata- se, doravante, de pensar o ensino na sua totalidade em termos de saídas profissionais e mesmo, mais longe, de pensar toda a educação como um simples momento em uma formação contínua "do berço à tumba", segundo a fórmula muitas vezes empregada nas publicações da OCDE ou da Comissão Europeia (LAVAL, 2004, p.78).

Trabalhar na EEEP Mário Alencar, uma escola profissionalizante e com tempo integral, possibilita estar mais próximo dos estudantes e poder observá-los mais atentamente, permitindo, assim, verificar pelos relatos dos mesmos que seus pais percebem a importância

desse tipo de escola e a possibilidade de transformação e mobilidade social que poderá ocorrer, tal qual afirma Santos (2020) em seu estudo sobre as escolas desse tipo. Mesmo que o capital econômico acumulado pelos pais não seja muito elevado, devido às condições socioeconômicas, visto que a maioria das famílias são residentes do Grande Jangurussu, região de grande vulnerabilidade social, existe o desejo de que a educação dos filhos seja aprimorada, trazendo consigo a promessa de um futuro melhor.

A acumulação do capital cultural dos estudantes da Mário Alencar é aferida no momento do ingresso na escola, devido à existência de um processo seletivo no qual são avaliados com base nas notas do Histórico Escolar do ensino fundamental, e ingressam na escola aqueles com as melhores notas por ordem de classificação. Devido ao processo seletivo, há um aumento na competitividade pelo ingresso que resulta potencialmente no nível de conhecimento acumulado dos ingressantes.

Esses encontros de interesses, maior harmonia de intenções e valores criam um ambiente e ciclo educacional virtuoso, além é claro, de selecionar um aluno com disposições acadêmicas melhores e com capitais sociais mais favoráveis em relação à média geral dos alunos do sistema (SANTOS, 2017, p. 22).

Assim, é possível observar que, pelo menos hipoteticamente, esses jovens possuem um acúmulo de capital cultural diferenciado da média dos estudantes da educação básica. O estudo de Santos (2020) mostra que o reconhecimento da excelência das escolas EEEP mobiliza as famílias que investem na aquisição de capital cultural dos filhos por meio da educação a conseguir matriculá-los nelas.

Há escolas com desempenho bastante superior à média, por vezes com currículo, corpo docente e dinâmica de funcionamento diferenciados ante as demais escolas públicas. Essa diversidade e as diferenças são, portanto, percebidas pelos alunos e por suas famílias, o que cria um contexto dinâmico de mobilização e agência em vista desse quadro de oportunidades escolares. (SANTOS, 2020, p. 14).

Ao observar as experiências e os conhecimentos que os jovens estudantes da EEEP Mário Alencar trazem consigo para o "chão da escola", construído pela experiência docente, mas também pelos questionários aplicados (que serão detalhados adiante), percebe-se que estão ligados às suas culturas e realidades juvenis. Eles percebem sua relação e interação com o ambiente e a cultura que os cerca, construídas a partir de suas relações familiares e do acesso a experiências culturais, como idas ao cinema, ao teatro e à leitura de livros que suas famílias puderam proporcionar ao longo de suas vidas. É possível identificar que a construção desse capital cultural foi influenciada pelo ambiente familiar.

A influência do capital cultural se deixa apreender sob a forma da relação muitas vezes constatada entre o nível cultural global da família e o êxito escolar. (...) que permite concluir que a ação do meio familiar sobre o êxito escolar é quase exclusivamente cultural. (CASTRO, 2016, p. 46).

Segundo Bourdieu (2015), o capital cultural representa a acumulação de toda a experiência cultural ao longo da vida de uma pessoa. Essa acumulação é possibilitada por meio do acesso proporcionado a bens culturais, elementos específicos da literatura, cinema, teatro, entre outros, que as famílias podem oferecer aos jovens (o capital herdado) ou aqueles que os próprios sujeitos procuram acessar independente do estímulo familiar (o capital adquirido). A família desempenha um papel fundamental como facilitadora desse processo, e esse acesso está diretamente ligado ao capital econômico e social da família. Além disso, a escola também desempenha um papel na acumulação desse capital, apesar de sua natureza segregadora e sua tendência a manter desigualdades.

Pierre Bourdieu, por sua vez, não limita o capital à esfera econômica. Ele considera a existência de capitais de diferentes naturezas (capital econômico, capital cultural, capital social, capital simbólico, capital político...) que igualmente aparecem como recursos sociais para os agentes (JOURDAIN; NAULIN, 2017, p.126).

No cotidiano da escola profissional, na proximidade com os estudantes e podendo observá-los mais atentamente, é possível verificar pelos relatos dos mesmos que seus pais percebem a importância desse tipo de escola, a possibilidade de transformação e mobilidade social que poderá ocorrer. Durante os relatos feitos nas dinâmicas de apresentação, pude perceber que alguns estudantes já chegam com um capital cultural diferenciado, devido essa seleção.

A escola neoliberal designa um certo modelo escolar que considera a educação como um bem essencialmente privado e cujo valor é, antes de tudo, econômico. Não é a sociedade que garante a todos os seus membros um direito à cultura, são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que afeta tanto o sentido do saber, as instituições transmissoras dos valores e dos conhecimentos quanto as próprias relações sociais. (LAVAL, 2004, p. XI).

Assim, pensar cultura, acesso à cultura e consumo, a partir da relação entre saberes e práticas dessas juventudes foi fundamental quando iniciei o planejamento das minhas ações na escola. Dentro das minhas aulas, sempre reservo um momento para compartilhar "Dicas de

livros e filmes", incentivando-os a assistir filmes ou séries e ler livros relacionados ao conteúdo das aulas, para que possam construir seus capitais culturais. Entretanto, ao praticar essa abordagem, notei uma disparidade entre os jovens que tinham mais ou menos acesso: alguns podiam acompanhar as sugestões de filmes e séries por meio de plataformas de *streaming*, enquanto outros não tinham essa possibilidade. Também havia diferenças no acesso aos livros, já que nem todos estavam disponíveis na biblioteca da escola.

Lima Filho (2020) pesquisou o consumo de bens culturais nas escolas públicas de Fortaleza e percebeu que, apesar de em menor quantidade quando comparada à música, filmes e séries (nesta ordem), a literatura era um bem de destaque no universo juvenil como um todo, com 30,8% dos estudantes do ensino médio afirmando ler livros nas horas de lazer. Quando consideramos a lista de livros mais lidos por esses estudantes (LIMA FILHO, 2024), percebemos que a literatura consumida pelos jovens é pouco conhecida e menos ainda utilizada pela escola, algo que também notei na minha experiência docente. Assim, fazer uso da literatura que eles trazem e que eles têm acesso na escola para as aulas de Sociologia seria um grande momento de reflexão e sendo contraposta à literatura apresentada pela escola através do currículo, que muitas vezes se mostra desinteressante por ter uma linguagem mais erudita e de difícil entendimento.

Pensar a literatura como um convite à Sociologia, convite este baseado na reflexão do consumo, do que é a cultura, de como ela está acessível, traria uma interessante reflexão sociológica. Seguindo essa lógica, qual a possibilidade dessa escola de absorver a cultura que os alunos vivenciam e como incorporar a cultura no dia a dia escolar? Como aproximar os estudantes da literatura e fortalecer esse hábito e a construção de um capital cultural?

Podemos observar o esforço da escola com as aplicações do Projeto Ciranda de Leitura que traz para os estudantes de cada série um programa com quatro exemplares que devem ser lidos bimestralmente por eles e assim auxiliar na construção desse capital, que essas ações estão alinhadas com a nova BNCC com o objetivo de formar um jovem crítico e consciente de seu lugar na sociedade.

Para Bourdieu (2015), “competem, hoje, igualmente à escola, cujos julgamentos, e sanções podem não só confirmar os da família, mas também contrariá-los ou opor-se a eles, e contribuem de maneira absolutamente decisiva para a construção da identidade (BOURDIEU, 2015, p. 259)”, identidade essa construída através de acumulação de capital cultural. E tive mais certeza de como esse acúmulo de capital cultural ocorre de forma desigual, pois ele é o conjunto de qualificações intelectuais produzidas e legitimadas pelo sistema escolar ou pela família e acumulado durante o tempo, como Bourdieu nos explica. Assim sendo, entendemos a

importância do ambiente escolar e nossa contribuição, já que o capital econômico está ligado ao capital cultural e sabemos como vivemos em uma sociedade desigual.

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar", ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. (CASTRO, 2016, p.81).

2.2 Os estudantes da EEEP Mário Alencar

Como docente nesta instituição escolar, sempre observo os alunos quando iniciam suas jornadas educacionais. Eles chegam animados, felizes por terem garantido uma vaga na escola de sua escolha, cheios de planos e sonhos. No entanto, para o propósito desta pesquisa, é fundamental obter um entendimento mais aprofundado do corpo discente que participou das atividades propostas.

Entender um pouco sobre juventude é importante devido ao caráter múltiplo do significado de ser jovem e de ter tantas juventudes interagindo entre si no cotidiano escolar, Dayrell (2003, p.42), nos explica essa construção de noção de juventude na perspectiva da diversidade que implica, considerá-la múltipla e diversa, e como parte de um processo de crescimento a partir das suas experiências. E esse entendimento se fortalece no cotidiano em sala e na escola como um todo, onde observamos grupos se formarem a partir de gostos, vivências e realidades parecidas, fortalecendo assim seus vínculos e construção da juventude.

Conforme mencionado anteriormente, a escola oferece quatro cursos técnicos: Desenvolvimento de Sistemas, Enfermagem, Eventos, Redes de Computadores. No ano de 2023, o número total de alunos matriculados no primeiro ano foi de 180, distribuídos da seguinte forma: 44 alunos no curso de Desenvolvimento de Sistemas, 46 em Enfermagem e 45 tanto em Redes de Computadores quanto no curso de Eventos. No ano de 2024, o mesmo número total de estudantes, sendo relevante para a pesquisa o quantitativo de 45 estudantes no curso de Redes de Computadores.

Assim, com o conhecimento desse total, em torno de 225 estudantes, foi feita a sensibilização por parte da professora-pesquisadora para responderem um questionário inicial, do qual não houve tanta adesão e tivemos 111 estudantes que responderam no *Google Forms*,

trazendo informações básicas como: idade, preferências por leituras, renda familiar e escolaridade dos responsáveis. O principal objetivo era saber um pouco sobre as condições socioeconômicas dos estudantes ingressantes na EEEP Mário Alencar e seus hábitos de leitura.

A primeira parte do questionário buscava informações acerca dos estudantes e suas famílias. Dos que responderam ao questionário, 59,5% (66 estudantes) são do sexo feminino e 40,5% (45 estudantes) do sexo masculino; a maioria 76,6% está com 15 anos, seguidos pelos com 14 anos, contando apenas com 5 estudantes com 16 anos. Dos cursos, os que mais participaram foram os de Redes com 37,8%, seguidos por 28,8 % de Enfermagem, 17,1 % de Eventos e finalizando com 16,2% do curso de Desenvolvimento de Sistemas.

Quanto à pergunta se haviam estudado em escola particular anteriormente, a maioria (64%) respondeu que sim, mas não foi identificado em qual momento, se nos anos iniciais ou nos anos finais do Fundamental. Esse dado é importante porque demonstra que a maioria dos entrevistados teve pelo menos alguma experiência na rede privada de ensino antes de ingressar na Mário Alencar, mesmo que em anos ou níveis diferentes, pois 20% das matrículas são reservadas a egressos da rede privada no 9º ano (o último do fundamental). Isso pode indicar que o restante dos 64% estudaram uma parte de sua vida estudantil até ali na rede particular, mesmo que estivessem numa escola pública no 9º ano.

Este ponto coloca duas questões: primeiro, traduzindo as reflexões de Bourdieu (2015) à realidade brasileira, podemos pensar que colocar os filhos em uma escola particular é uma ação de investimento escolar na aquisição de capital cultural não-herdado por parte dos pais, respondendo à impressão do senso comum de que escolas privadas são melhores do que públicas, mas ao mesmo tempo, demonstrando o grau de reconhecimento de escolas do tipo EEEP para as famílias, pois optam por regressar à rede pública, e há estudos (SANTOS; GONÇALVES, 2016; SANTOS, 2017) que mostram que este é um esforço orientado dessas famílias na busca por uma melhor educação aos filhos. A segunda questão seria verificar se tal investimento por parte dos pais realmente ocorre no caso da Mário Alencar, tomando como ponto o fato de que existe uma seleção para o ingresso na EEEP. Não temos o objetivo de responder tal indagação neste trabalho, mas ela pode compor estudos futuros.

Na questão “Qual o nível de escolaridade da sua mãe ou da pessoa responsável por você?”, 50,5% responderam que o responsável possui o ensino médio completo, seguidos por 22,5% que não terminaram o ensino fundamental e 9,9% não concluíram o ensino médio, sendo relevante ressaltar que 8,1% (9 responsáveis) possuem o ensino superior completo. Isso indica que metade dos jovens está ultrapassando os anos de estudos de suas mães, ainda que uma fração tenha acesso ao ensino superior, o que, por sua vez, é um indicador de maior acúmulo

de capital cultural escolar.

A situação econômica revela-se delicada, uma vez que 45,9% dos jovens afirmaram viver em famílias com renda equivalente a até um salário mínimo, seguidas por 33% que se encontram na faixa entre 1 e 2 salários mínimos. Esses números são indicativos das condições econômicas das famílias residentes na área do Grande Jangurussu e são condizentes com os dados socioeconômicos da região.

A segunda parte do questionário era voltada às preferências literárias, gostos e hábitos. A pergunta inicial foi sobre a quantidade de livros que tinham em casa (“Você tem livros em casa?”), e 57,7% (64 estudantes) responderam que tinham até 10 livros em casa, seguidos por 18,9% que possuem mais de 30 livros em casa. Foi perguntado, também, sobre as preferências de gênero literário, e foram mencionados diversos gêneros, como biografia, literatura cristã, *fanfic* e distopias. Os gêneros preferidos foram os romances, aventuras e fantasia, terror e suspense, e ficção científica. Percebendo que as preferências literárias são das mais variadas, a pergunta seguinte trouxe também uma gama bem variada de respostas, títulos como: *Heartstopper* de Alice Oseman, *Harry Potter* de J. K. Rowling, *Os 7 maridos de Evelyn Hugo* de Taylor Jenkins Reid, isso para ilustrar alguns dos mais citados. Sobre as quantidades dos livros lidos, o maior percentual foi 20,7% que leram 23 livros nos últimos 3 meses, seguidos por quem tinha lido 15 livros (13,5%), 12 livros (10,8%), ficando claro que o hábito da leitura é algo presente no cotidiano desses estudantes.

Percebemos que a indicação de quantidade dos livros por parte dos jovens foi muito alta, o que nos leva a pensar que eles podem ter confundido o tempo questionado no formulário e, em vez disso, terem respondido os livros que leram em suas vidas. É uma hipótese que precisa ser confirmada no futuro.

E como último ponto foi perguntado quais as três disciplinas favoritas, as respostas em sua maioria ficaram com: Biologia, Química e Matemática, seguidas pelas Ciências Humanas, Geografia e Sociologia, e nas Linguagens, o Espanhol.

Após registrar os dados quantitativos numéricos e percentuais dos estudantes e seus hábitos, obtidos de forma objetiva através do formulário, é considerado também a importância de uma análise mais qualitativa. Como professora-pesquisadora, foi possível observar os alunos em sala de aula e em outros espaços da escola, onde, apesar de uma jornada cansativa, eles afirmam gostar de estar. Foi possível verificar que muitos têm livros de literatura sobre suas mesas, que estão engajados na leitura diária e sempre têm um livro por perto para os momentos de folga ao longo do dia.

São jovens animados e barulhentos, cujos gritos ecoam durante as competições na

quadra em dias de "racha" entre as salas, demonstrando grande entusiasmo ao imitar com torcida "clássicos" do futebol, como Ceará x Fortaleza. Além disso, nos momentos livres na escola há grupos que jogam UNO (popular jogo de cartas), pequenos grupos de oração, casais conversando e alguns alunos solitários concentrados em seus celulares e fones de ouvido. É interessante notar que mesmo os solitários ficam próximos uns dos outros, formando conexões. Diante desses diferentes grupos e situações, como professora-pesquisadora percebo a sociabilidade e a dimensão social se desenvolvendo, conforme discutido por Dayrell e Carrano (2014, p. 118), preferencialmente nos momentos de lazer e diversão, como nos intervalos escolares, que são os momentos mais livres do dia para eles.

Por meio do conviver as pessoas constroem sentidos em comum que proporcionam uma maneira natural de fazer as coisas que moldam as identidades de diferentes grupos. Desta maneira, os modelos de convivência são construídos histórica e culturalmente: conviver significa interagir dentro das estruturas de identidade dos grupos, expressas por meio de determinadas relações, lógicas de ação e estabelecidas sobre sentidos, valores e crenças(HIRMAS; EROLES, 2008) *apud* (FRANCO, 2018)

2.3 O currículo escolar

Nesse cenário de construção do conhecimento e aquisição de capital cultural escolar, o currículo é a grande estrutura viva que define o que os estudantes terão contato ao longo de sua vida estudantil. Ele é um campo de disputas pela grande importância que carrega. O currículo é um percurso a ser feito com os conteúdos a serem estudados e aprendidos, onde os professores têm um grande desafio de adaptá-lo às vivências e necessidades dos estudantes, especialmente os professores de Sociologia, uma vez que o ensino está diretamente ligado aos processos sócio-políticos e culturais de nossa época.

Contudo é necessário pensar novas práticas, principalmente com as mudanças que vêm ocorrendo com a implementação da BNCC. Faz-se necessário novas formas de acesso à cultura, proporcionando aos jovens um potencial para acumular conhecimento, desenvolver capital cultural e estimular o interesse pela leitura de livros e pelo consumo de mídia audiovisual. Além disso, é necessário ajudá-los a compreender seu contexto e papel na sociedade, capacitando-os a contribuir na construção de uma realidade mais promissora e inclusiva.

O lugar desse debate e construção é a escola. No entanto, uma das principais dificuldades contemporâneas são as redes sociais, a alienação, as *fake news* e como as juventudes interagem e pensam essa relação. Sendo assim, a BNCC traz consigo um grande

desafio e com a Reforma do Ensino Médio, onde parte da carga horária de Ciências Humanas foi direcionada para a base diversificada, trabalhar a Sociologia se torna um desafio ainda maior.

A lógica da BNCC é pautada no desenvolvimento de habilidades e competências, uma perspectiva que é criticada por Silva (2017), pois pode reduzir o saber a uma aplicabilidade objetiva, sem o exercício da criticidade. Ainda assim, o texto diz:

A BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC (BNCC, 2017, p. 13).

Ademais, a importância deste trabalho se dá pelo fato de o ensino da Sociologia estar sempre em perigo, pois após se tornar disciplina obrigatória pela Lei 11.684/2008, foi novamente colocada como opcional pela já citada Reforma do Ensino Médio. Num ensino pautado por excesso de objetividade, a Sociologia pode ser aquela disciplina escolar que auxiliará ao jovem na ampliação de consciência, ao estranhamento e desnaturalização do mundo ao redor, ao exercício crítico.

Assim, o processo de institucionalização do ensino de sociologia no Brasil, em suas dimensões burocráticas e legais, depende dos contextos histórico-culturais, das teias complexas das relações sociais, educacionais e científicas, que atuaram e atuam na configuração do campo da sociologia a partir de sua relação com o sistema de ensino. Estou, portanto, compreendendo o ensino de sociologia como parte de sistemas simbólicos típicos das sociedades modernas. Nesse sentido, o arcabouço analítico de Basil Bernstein (1924-2000), fornece esquemas e conceitos que permitem uma abstração maior do conceito de racionalização de Weber e da noção de campo de Bourdieu, enfim, permite apanhar a problemática em seus condicionantes societários e epistemológicos. Societários, no âmbito das lutas políticas, das formas de controles, das lutas nas instituições; e, epistemológicos no sentido dos processos de conhecimento, de organização dos saberes, dos códigos e dos dispositivos pedagógicos. (SILVA, 2007, p. 405).

No modelo anterior do ensino médio, a carga horária das disciplinas de Ciências Humanas era distribuída em seis horas semanais: uma aula de Sociologia, uma de Filosofia, duas de História e duas de Geografia. Com a implementação da Reforma do Ensino Médio e da BNCC, parte da carga horária foi redirecionada, como já mencionado. Dessa forma, abordar a temática da Sociologia, especificamente sobre *Cultura*, e promover a interdisciplinaridade se

tornará um conteúdo complementar e paralelo ao programa curricular. Essa abordagem, descrita por Silva (2020) como "Sociologização", implica uma aplicação dos conceitos sociológicos nos conteúdos de outras disciplinas, o que, pode resultar em uma redução da ênfase nos conteúdos específicos da disciplina de Sociologia, enfraquecendo, assim, sua relevância no currículo escolar.

Analisando a lista de competências e habilidades presentes na BNCC de 2018, propõe-se como hipótese de pesquisa a Sociologização da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas sem que isso fortaleça os conteúdos da disciplina, assim como enfraquece todas as especificidades dos demais componentes curriculares agrupados nessa área. (SILVA, 2020, p. 55).

A BNCC traz em suas Competências Gerais para a educação no ensino médio, dez pontos, e entre eles, concebe-se o Pensamento científico, crítico e criativo, o Repertório cultural, o Conhecimento, a Cultura digital e a Argumentação, como fundamentais para o estudo da Ciências Humanas e principalmente da Sociologia, pois contemplam uma criticidade maior, a partir de suas análises e pesquisas. Dessa forma é extremamente importante auxiliar nossa juventude nesse desafio tão grande e sabemos que muitas vezes desigual, é o aprendizado, devido às questões socioeconômicas do Brasil.

Os livros didáticos utilizados na escola são da coleção *Moderna Plus* (assinado por um coletivo de professores: Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cassia Miranda, Fátima Ferreira, Lier Pires Ferreira, Lygia Terra, Marcela M. Serrano, Marcelo Araújo, Marcelo Costa, Maria Lúcia De Arruda Aranha, Martha Nogueira, Myriam Becho Mota, Otair Fernandes De Oliveira, Patrícia Ramos Braick, Paula Menezes, Raphael M. C. Corrêa, Raul Borges Guimarães, Regina Araújo, Rodrigo Pain, Rogério Lima, Tatiana Bukowitz, Thiago Esteves, Vinicius Mayo Pires, 2021), obra da Editora Moderna, contemplada pelo PNLD 2021, e que está sendo usado desde de 2022.

O material didático é composto por 6 livros, sendo usados um exemplar por semestre, e para os estudantes do 1º ano de nossa escola, são escolhidos os Vol. 01 e 02, *Natureza em transformação e Globalização, emancipação e cidadania*, respectivamente. Os temas tratados são os mais diversificados e não seguem uma sequência cronológica, e sim, temática. São abordados temas como: Antropologia, Sociologia a partir de Marx, de Weber e de Durkheim, e os temas do trabalho e da cultura.

Dentro do programa curricular foram selecionados temas que foram trabalhados de forma mais aprofundada e dinâmica. As temáticas escolhidas para o desenvolvimento de nossa proposta são: A Antropologia e as Ciências Sociais; conceito de trabalho e sociedade (Marx,

Weber, Durkheim); e o conceito de cultura. Para isso serão utilizados livros do cotidiano escolar dos estudantes como *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, obra de grande relevância e reconhecimento da Literatura Brasileira e um conto chamado *A Loteria* da autora norte americana Shirley Jackson.

A seguir apresentamos os conteúdos programáticos de Sociologia para o 1º ano e para o 2º ano do EM a serem trabalhados em sala, de acordo com o plano anual escolar, sendo esse plano aplicado da mesma forma por um ciclo de três anos, que é o tempo de duração do ciclo de cada mudança dos materiais didáticos e estavam distribuídos da seguinte forma, conforme a divisão construída para a escola:

Quadro 1: Currículo de Sociologia no 1º ano do ensino médio na EEEP
Mário Alencar

Bimestre	Conteúdo
1º bimestre:	O surgimento da espécie humana <ul style="list-style-type: none"> ➤ A antropologia e as ciências sociais ➤ A descoberta da alteridade: Pré-História da antropologia ➤ A Antropologia e o evolucionismo; O surgimento da Sociologia como ciência
2º bimestre:	Conceito de trabalho e sociedade (Marx, Weber, Durkheim)
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apreender os fundamentos econômicos da sociedade: processo de produção, trabalho, instrumentos, meios, relações, modos de produção; ➤ Compreender o trabalho em diferentes contextos sócio históricos. ➤ Analisar as implicações na vida social advindas dos diferentes processos de produção e circulação de riquezas. ➤ Analisar os mecanismos inerentes às formas de organização social no processo de produção e reprodução das estruturas sócio-político-econômicas.

3º bimestre:	<p>O conceito de cultura</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Educação: tradição e ruptura ➤ A possibilidade de transgressão ➤ Diversidade cultural / indústria cultural <p>A relação entre indivíduo e a sociedade: perspectivas sociológicas clássicas</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Durkheim e o fato social ➤ Marx Weber e os tipos de ação social ➤ Karl Marx e as classes sociais
4º bimestre: é um bimestre mais voltado para a História	<p>Os Movimentos afro-brasileiros questões éticas - raciais</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Democracia racial ➤ Racismo estrutural ➤ Racismo institucional

Fonte: Plano anual de Ciências Humanas

Quadro 2: Currículo de Sociologia no 2º ano do ensino médio na EEEP
Mário Alencar

Bimestre	Conteúdo
1º bimestre:	<p>CAPÍTULO 01</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ O Trabalho nas sociedades tradicionais ➤ Nascimento das Ciências Humanas <p>CAPÍTULO 02</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Trabalho e Capitalismo ➤ O trabalho e a humanização

2 ° bimestre:	CAPÍTULO 04
----------------------	-------------

➤ Expansão industrial e modelos de industrialização;

➤ Uma civilização do lazer.

CAPÍTULO 06

➤ Revolução Industrial.

3º bimestre:	CAPÍTULO 06 <ul style="list-style-type: none"> ➤ Projeto democrático contemporâneo ➤ Concepções políticas na modernidade ➤ Política: para quê ➤ Poder e força ➤ Poder, política e Estado
4º bimestre: é um bimestre mais voltado para a História	CAPÍTULO 10 <ul style="list-style-type: none"> ➤ A construção da nação e do nacionalismo ➤ Lutas operárias e sindicais ➤ Liberalismo ➤ a luta das mulheres no séc XIX ➤ Ideais anarquistas ➤ Concepções políticas na Modernidade

Fonte: Plano anual de Ciências Humanas

Apresentamos também a programação do Projeto Ciranda de Leitura para os anos de 2023 e 2024 que foram objeto das atividades aqui descritas, tal qual como criado pelos professores da Área de Linguagens da escola:

Quadro 3- Ciranda de leitura 1º e 2º ano do ensino médio na EEEP Mário Alencar

Ciranda de leitura 2023	Ciranda de leitura 2024
1ºANO: <i>O Pequeno Príncipe</i> de Antoine de Saint-Exupéry, <i>O Auto da Comadecida</i> de Ariano Suassuna, <i>Um estudo em Vermelho</i> de Arthur Conan Doyle e <i>Cidades de</i>	1ºANO: <i>Antropologia Poética</i> de Manuel Bandeira, <i>O Auto da Comadecida</i> de Ariano Suassuna, <i>Rosa vegetal de sangue</i> de Carlos e <i>Édipo Rei</i> de Sófocles.

<i>Papel de John Green.</i>	
2ºANO: <i>Alice no País das Maravilhas</i> de Lewis Carroll, <i>A Hora da Estrela</i> de Clarice Lispector, <i>Revolução dos Bichos</i> de George Orwell, e <i>Rosa Vegetal de Sangue</i> de Carlos Heitor Cony	2ºANO: <i>25 Contos</i> de Machado de Assis, <i>A Normalista</i> de Adolfo Caminha, <i>O Cortiço</i> de Aluizio de Azevedo, <i>Luzia Homem</i> de Domingos Olímpio e <i>Rosa Vegetal de Sangue</i> de Carlos Heitor Cony
3ºANO: <i>Iracema</i> de José de Alencar e <i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos	3ºANO: <i>Contos - Maria e Zaita esqueceu de guardar os brinquedos</i> de Conceição Evaristo, <i>O bicho</i> de Manuel Bandeira, <i>Quarto de Despejo</i> de Carolina Maria de Jesus, <i>Capitães da Areia</i> de Jorge Amado, <i>A Normalista</i> de Adolfo Caminha, <i>O Quinze</i> de Rachel de Queiroz, <i>Ana Davenga</i> de Conceição Evaristo, <i>A Casa de Natércia Campos</i> , <i>Preciosidade e A Língua do P</i> de Clarice Lispector, <i>Irmã Cibele e a menina</i> de Moreira Campos.

Fonte: Plano anual Linguagens e Códigos – Ciranda de leitura 2023/2024

A proposta deste capítulo foi trazer uma apresentação e uma breve reflexão sobre a Escola Profissional, sua filosofia, a TESE, como é a escola em que a professora-pesquisadora leciona, o trabalho executado na escola de acordo com os referenciais trazidas por sua modalidade de educação, que é a educação profissional, complementando a apresentação tratamos de forma sucinta a apresentação dos estudantes, que foi baseado em suas respostas dadas ao responderem o questionário proposto no *Google Forms* e pelas percepções cotidianas da professora-pesquisadora. No último ponto, a apresentação do currículo escolar proposto pela escola, descrevendo de forma objetiva os conteúdos de Ciências Humanas trabalhados por bimestre e os livros propostos para a leitura dos estudantes no projeto Ciranda de Leitura, além do texto selecionado pela professora-pesquisadora, escolhido pelas suas características desafiadoras ao tentar conciliar elementos tão distintos e normalmente tratados separadamente, observei que o projeto literário da escola dialoga apenas com sua área de conhecimento, as Linguagens, deixando de lado uma contribuição que poderia ser muito relevante para outras áreas do conhecimento, como as Ciências Humanas. Para fundamentar a importância desse diálogo interdisciplinar, citamos Lacerda (2020, p. 15):

Consiste em uma análise sociológica do aprendizado escolar interdisciplinar, onde através da percepção das abordagens epistêmicas, de determinada disciplina, no enredo literário (romances) por parte do estudante (leitor), é possível avaliar o nível de incorporação do capital cultural através do processo ensino-aprendizagem de determinada área do conhecimento, levando-se em conta as estruturas estruturadas e estruturantes (campo, habitus e capital cultural) nas quais esses estudantes encontram-se inseridos (Lacerda, 2020, p.15).

3. O PROJETO DE INTERVENÇÃO: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Pretende-se a partir de agora desenvolver uma sequência didática com o objetivo de explorar como é possível utilizar a literatura que os estudantes consomem no seu dia a dia para o ensino de Sociologia e para a construção do "raciocínio sociológico". Para isso foi pensando e aplicado uma sequência didática inspirada inicialmente na Pedagogia Histórico-Crítica de Gasparini (2002), que foi utilizada como uma ferramenta metodológica, aliada a adaptações de metodologias ativas como rodas de conversa e construção de mapas mentais, planejadas pela professora para auxiliar na síntese dos conceitos discutidos, as metodologias foram se adaptando aos leitores e como Casson(2014) nos explica, a leitura como diálogo pressupõe uma relação que se estabelece entre leitor e autor, texto e contexto, constituindo o que chamamos de círculo literário .

Considerando a reforma do ensino médio, que trouxe consigo a implementação da Base Nacional Comum Curricular a partir do ano de 2022, observamos que o ensino de Sociologia encontra-se em uma situação delicada. Esse fato é preocupante, uma vez que a Sociologia desempenha um papel fundamental ao ajudar os jovens a ampliar sua visão de mundo, promover o estranhamento e a desnaturalização do mundo ao seu redor, e, assim, capacitar os alunos a se tornarem cidadãos críticos da sua realidade.

Os estudiosos do campo da educação em geral, e do ensino de Sociologia em particular, sabem que o histórico da disciplina é marcado por intermitências quanto à permanência na educação básica, seja como disciplina obrigatória ou optativa. Mais recentemente, após ter sido banida pela reforma educacional promovida pela Ditadura Militar no início dos anos 1970, a Sociologia regressou aos bancos escolares, no começo da década seguinte, de modo opcional, ainda que vários estados brasileiros gradativamente a foram incluindo em seus currículos e iniciou-se um movimento educacional para que se tornasse (ao lado da Filosofia) uma disciplina obrigatória no ensino médio, o que se efetivou com a Lei 11.684, de 2008, mas foi novamente tornada opcional com a Reforma do Ensino Médio implantada primeiro pela Medida Provisória 746, de 2016, convertida na Lei 13.415, de 2017.

Assim, podemos pensar sobre as condições sociais que impelem o currículo escolar e o modo como sua construção reflete as disputas (inclusive políticas) pelas quais passam o país nos momentos de sua consolidação, como na referência de (2007), já citada.

Como já discutido anteriormente, a recente Reforma do ensino médio veio acompanhada da formulação de um novo currículo escolar, organizado sob a forma de uma Base Nacional

Curricular Comum (BNCC), que estabeleceu competências e habilidades esperadas para cada uma das disciplinas que compõem o ensino médio, e no caso da Sociologia,

Além da diluição dos conteúdos sociológicos dentro da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como diz Silva (2020), estes também foram agregados ao lado daqueles das demais disciplinas da área (História, Geografia, Filosofia), já que a orientação do Novo Ensino Médio era mais voltada às áreas do que às disciplinas, o que se reflete no livro didático, como o já citado, no qual os conteúdos são dispostos pela área e não pelas disciplinas.

Diante desse cenário, torna-se fundamental fortalecer o ensino de Sociologia e torná-lo mais acessível aos estudantes através de metodologias diferenciadas das utilizadas diariamente.

O ensino e o sentido de uma disciplina escolar se relacionam a espaços e agentes sociais com poder de decisão sobre o que deve ser ensinado e aprendido em busca de um determinado projeto civilizacional. Assim, a definição do sentido pedagógico da Sociologia atrela-se a um corpo de conhecimentos epistemológicos, metodológicos e pedagógicos que orientam a prática docente na transmissão do conhecimento sociológico (CHEVALLARD, 2013, p.380).

Entendendo que os estudantes se beneficiam da criticidade despertada pelas aulas de Sociologia e aproveitando que o currículo escolar do Estado do Ceará, ainda mais nas escolas de tempo integral, como é o caso das EEEPs, mantiveram a distribuição das disciplinas, formulou-se a ideia de fortalecer o ensino de Sociologia por meio de uma sequência didática que aproveitasse a literatura para estimular o pensamento sociológico e a imaginação sociológica.

3.2 Proposta de intervenção para a Sociologia

Apresentar a literatura como uma fonte do pensamento sociológico, onde podemos extraír histórias, conceitos e situações que ajudam no “raciocínio sociológico” e na “imaginação sociológica”.

“ Implica, não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial — coisas mortas ou semimortas — mas numa atitude de criação e recriação. Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto.”

(Freire, 1967, p.110)

Metodologicamente, é feita a apresentação da temática e do projeto, a contextualização dos conceitos nas aulas de Sociologia e a leitura em grupo de trecho do livro, seguindo de leitura individualizada, com fornecimento dos livros e, por fim, interpretação da obra e relação com os conceitos que foram encontrados no livro. A partir deste último ponto, também trazer uma reflexão mais aprofundada aos estudantes e uma mudança de postura ante à realidade que os cerca.

A proposta de intervenção se dará uma vez por semestre, de acordo com as temáticas dos conteúdos sociológicos em questão, sendo duas “aulas” (encontros) para discutir os conceitos encontrados no livro. A avaliação se dará pela participação dos estudantes nas rodas de conversas, avaliações internas escolares e percepção de mudança de pensamento a partir dos conhecimentos adquiridos.

A literatura pode contribuir significativamente para estudar Sociologia, Dimitrov (2020, p.43) nos explica que a Sociologia não define, portanto, o que seria a “boa arte” e a “boa literatura”, mas busca compreender as condições sociais de produção de materiais expressivos que, para determinado grupo social, é eleito como “boa” arte e literatura. e é a partir desse acesso a literatura que o jovem vai fazendo sua leitura de mundo e o autor ainda conclui, As próprias obras podem ser tomadas como materiais de ensino e aprendizagem do fazer sociológico. É possível ensinar Sociologia da Literatura valendo-se, por exemplo, das obras literárias das disciplinas de Português, Inglês ou Espanhol.

Corroborando com essa ideia Lahire (2013), coloca:

... a Sociologia na educação básica constituiria uma resposta adequada às exigências modernas de formação escolar dos cidadãos, pois assim como outras ciências, a Sociologia possui ferramentas analíticas como a objetivação etnográfica, a objetivação estatística e a entrevista sociológica, que podem ser utilizadas como instrumentos de ensino rumo a uma sociedade em que os indivíduos sejam mais sujeitos de suas ações a partir da objetivação e desnaturalização dos processos sociais... (LAHIRE, 2013, p. 153)

Foi escolhido para ser trabalhado associado às aulas de Sociologia o livro *O Auto da Comadecida* de Ariano Suassuna, publicado originalmente em 1955. Trata-se de uma peça teatral em forma de auto e dividida em três atos. Foi escolhida por também ser utilizada pelos alunos como leitura obrigatória decorrente do projeto escolar, já citado, da área de Linguagens e Códigos.

A trama do livro tem como cenário o Nordeste brasileiro, com elementos da tradição da literatura de cordel, do gênero comédia. A obra mistura cultura popular e tradição religiosa,

trazendo uma crítica à hipocrisia da sociedade. Apresenta aos leitores personagens emblemáticos como Chicó, João Grilo, o padre, o cangaceiro, o padeiro, Maria - a Compadecida, Jesus e o Diabo. É a história dos amigos Chicó e João Grilo que, com suas peripécias, são levados a situações extremas, sempre com muito humor, e junto a isso, a autor também traz uma crítica às condições extenuantes do pobre nordestino e de sua luta desigual contra os ricos, o patriarcado rural. Dessa forma, sendo uma oportunidade muito rica para trabalhar conceitos sociológicos.

A peça, além de editada como livro, foi adaptada ao cinema duas vezes. Primeiro, em 1987, como *Os Trapalhões no Auto da Compadecida*, dirigido e escrito por Roberto Farias, protagonizado pelo grupo humorístico Os Trapalhões. Contudo, é mais conhecida a produção recente, dirigida por Guel Arraes (com roteiro dele e de Adriana Falcão e João Falcão). A versão de Arraes foi lançada originalmente como uma minissérie na TV Globo, em 1999, com quatro episódios, mais tarde condensada em um filme e lançada nos cinemas em 2000. Por sua maior duração (157 minutos), o filme/série combina a trama integral de *O Auto da Compadecida* com outras três peças de Ariano Suassuna: *Torturas de um Coração*, *O Santo e a Porca*, e *A Pena e a Lei*, de 1950, 1957 e 1959, respectivamente.

A outra obra escolhida para o trabalho foi o conto *A Loteria*, da escritora estadunidense Shirley Jackson (1916-1965), publicado originalmente em 1948 na revista *New Yorker*, e desde então, também já foi adaptado para outras mídias, como rádio e televisão. O conto é uma história agressiva e forte da literatura contemporânea, e é encontrado facilmente em sites de literatura na internet e traduzidos para o português e foi usada aqui a versão online disponível no site *Entre Contos: Literatura*. No Brasil, o conto está disponível no livro *A Loteria e Outros Contos*, da autora, publicado pela editora Alfaguara, em 2022, e numa versão em HQ pela editora DarkSide Books, de 2023.

O conto carrega um poder de abrangência maior e nos leva para um vilarejo comum em algum lugar nos EUA sem nenhuma característica especial, onde anualmente há uma loteria entre seus habitantes e à medida que a história vai se desenrolando podemos perceber como é cruel e brutal esse sorteio. A leitura desse conto levanta questões sobre conformidade, tradição e violência ritualizada que pode assombrar todos em qualquer lugar até mesmo uma vila aparentemente pacífica.

Dentro da Sociologia, essas obras de ficção abordam questões do nosso cotidiano que podem ajudar a ampliar o raciocínio sociológico dos estudantes nas discussões dos mais variados temas e subtemas, como: classe, trabalho, cultura, poder e política e cidadania e vida em sociedade, temas que podem ser abordados de forma transversal na obra literária e auxiliam

no entendimento das Ciências Sociais, Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas.

A atividade constou de leitura analítica individual, leitura coletiva de trechos da obra ou no caso do conto *A loteria* da obra completa e, na sequência, discussão com os estudantes alguns conceitos sociológicos que podem ser observados no livro. Os grandes blocos de conceitos, serão: *cultura e as Ciências Sociais*, conteúdo dado no terceiro bimestre; e *os conceitos de trabalho e sociedade de Marx, Weber, Durkheim*. A intenção era que os estudantes consigam reconhecer nas obras esses conceitos chaves da Sociologia.

Assim, a intervenção pedagógica seguiu o formato de planos de aula inspirados na metodologia Histórico-Crítica de João Luis Gasparini (2002). A sequência contemplou as seguintes etapas: definição de objetivos e formação do pensamento sociológico, utilizando como suporte a literatura disponível na escola através de um projeto já institucionalizado, conforme mencionado anteriormente.

3.2.1. *Justificativa:*

Apresentar a literatura através de obra escolhida pela professora - pesquisadora e da parceria com o projeto Ciranda de Leitura, projeto já consolidado na escola, como uma ferramenta potente para a construção da imaginação e raciocínio sociológico, de onde podemos extrair histórias, conceitos e situações que ajudam o estudante nesse processo de formação de senso crítico tão importante no processo de aprendizagem da sociologia no ensino médio.

3.2.2. *Duração:*

Tempo de duração se dá durante todo o ano letivo, sendo um livro por semestre, e os encontros se dão em 3 aulas, uma para a entrega do livro e duas aulas para a aplicação do plano de aula com a roda de conversa, os horários sugeridos são os de projeto integrador, que é um horário disponibilizado para aprofundamento de conhecimento nessa nova grade curricular.

3.2.3. *Metodologia:*

- Apresentação da temática e do projeto;
- Leitura individualizada do livro;
- Leitura em grupo de trecho do livro;
- Roda de conversa para discutir o livro lido;
- Interpretação da obra e relação dos conceitos que foram encontrados;

- Construção de mapa mental em equipe para sintetizar os conteúdos discutidos;

3.2.4. Avaliação

- Participação dos estudantes nas rodas de conversa;
- Avaliações internas escolares;
- Mudança de pensamento a partir dos conhecimentos adquiridos;

3.3 O Plano de Aula

O Plano de Aula pensado para este trabalho foi inspirado na pedagogia Histórico-Crítica de Luís Gasparini (2002), sendo seguidos os passos de cada momento da metodologia: a *prática social inicial* com as vivências do conteúdo, no caso do Plano é ver a primeira vivência dele com o livro, se já era uma obra conhecida, se já tinham lido ou visto filme. Em seguida, vem a *problematização* que são os questionamentos feitos sobre o que eles perceberam de conteúdos sociológicos no livro, e sobre as dimensões sociais e históricas dos conteúdos. A *instrumentalização* vai ocorrer com o uso de mecanismos para apresentar os conceitos pelo professor e fazer os estudantes se apropriarem do conhecimento, as ações para esse, a *tempestade de ideias*, discussões propriamente ditas dos trechos encontrados no livro e a construção de *mapa mental*. Na *catarse* podemos observar o momento da nova forma de entender a prática social, no caso, como um livro pode trazer para os estudantes uma reflexão sociológica a partir das análises que são feitas e, por último, a *prática social final* do conteúdo, quando eles passam a entender que, na leitura escolar deles, é possível construir uma leitura crítica e mais atenta de que a Sociologia está em todo lugar.

O plano foi construído primeiramente para ser usado com o livro *O Auto da Compadecida* por ser um título de conhecimento geral, principalmente devido ao filme de Guel Arraes, e ser uma obra de tanta relevância para a cultura nordestina, escrita tão brilhantemente por Ariano Suassuna. A aplicação da atividade se deu em duas turmas de 1º ano, do curso de Enfermagem e de Desenvolvimento de Sistemas. Na aplicação da segunda sequência no

semestre seguinte foi utilizado o conto *A loteria* de Shirley Jackson, conto que trata da história de um povoado que possui uma loteria anual no qual todos os moradores se juntam para o referido sorteio.

Os planos de aula abaixo o possuem o tempo verbal no passado porque foram produzidos antes da execução da atividade com os estudantes.

3.4 Plano de Ensino – O Auto da Compadecida

Quadro 3 – Plano de Ensino – O Auto da Compadecida – Ariano Suassuna

Plano de Ensino – O Auto da Compadecida

Instituiçã o:	EEEP Mário Alencar							
Professor:	Melanilce Karla da Silva Batista	Discipli na	Sociologia	Ano :	2023			
Série:	1º ano	Carga Horária	120 minutos.					
Área:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas							
Tema:	Literatura e Sociologia – O Auto da Compadecida – projeto integrador							

PRÁTICA SOCIAL INICIAL DO CONTEÚDO	
Objetivo geral:	Investigar e compreender as relações entre indivíduos na sociedade, política e poder, religião e cultura e classes sociais e desigualdade, associando a teoria sociológica ao livro o Auto da Compadecida.
Objetivos Específicos:	Identificar e discutir com os estudantes conceitos chaves da sociologia como sociedade, trabalho,

política, classes sociais e cultura/religião, identificando e reconhecendo as categorias da teoria sociológica no livro.

Vivência do Conteúdo:

O livro foi entregue aos estudantes para ser lido com antecedência, assim com a leitura e o conhecimento prévio do livro podemos começar a trabalhar com os estudantes a base sociológica. O que os estudantes

já sabem a respeito e o que eles entenderam do livro lido.

- Os estudantes conseguem identificar a Sociologia no livro?
- Os estudantes conseguem identificar alguma categoria sociológica no livro?
- Os estudantes acham que a cultura nordestina se parece com o filme? Eles pertencem a essa cultura?
- Os estudantes identificam a categoria Trabalho no livro?
- Os estudantes identificam o poder no livro e quais formas de poder?

PROBLEMATIZAÇÃO

Discussão: identificar os principais problemas postos pela prática e pelo conteúdo

- Identificar no livro o conceito de trabalho? E quais relações são identificadas.
- Como vemos as relações de poder no livro?
- Como é vista a cultura e a religião no livro e como a cultura deles se relaciona com esse nordeste retratado no livro de Ariano Suassuna?

Dimensão do Conteúdo:

- Histórica: e de definição de cultura e religião, poder e o trabalho
- Social e ideológica - difusão da cultura, formas de trabalho e formas de poder

INSTRUMENTALIZAÇÃO

Utilização de mecanismos para apresentar os conceitos pelo professor e fazer os estudantes se apropriarem do conhecimento, as ações, são: tempestade de ideias, discussões e mapa mental.

Recursos:

Livro – O auto da compadecida
Rodas de conversa
CATARSE
Compreensão do aluno através de comentários das respostas da atividade proposta
AVALIAÇÃO
Atividade proposta de análise do livro através dos debates nas rodas de conversa e na construção de um mapa mental sobre as principais categorias que eles conseguiram identificar no livro lido.
PRÁTICA SOCIAL FINAL DO CONTEÚDO
Como os estudantes agora vão observar e analisar o que eles acessam e o que eles consomem nesse mundo globalizado, lendo de uma forma mais crítica e observando que a teoria sociológica está inserida em todos os espaços de conhecimento

3.5 Plano de Ensino – A Loteria

Quadro 4 - Plano de Ensino – A Loteria – Shirley Jackson

Plano de Ensino – A Loteria

Instituição:	Universidade Federal do Ceará							
Professor:	Melanilce Karla da Silva Batista	Disciplina:	Sociologia	Ano :	2022			
Série:	2º ano	Carga Horária:	120 minutos.					
Área:	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas							
Tema:	Literatura e Sociologia – A Loteria– projeto integrador							

PRÁTICA SOCIAL INICIAL DO CONTEÚDO

Objetivo geral:

- Investigar e compreender as relações entre indivíduos na sociedade, a vida em sociedade,

poder, organização social, associando a teoria sociológica ao conto A Loteria de Shirley Jackson.

Objetivos Específicos:

- Identificar e discutir com os estudantes conceitos chaves da sociologia como sociedade, indivíduo e vida em sociedade, e, identificando e reconhecendo as categorias e conceitos da teoria sociológica no livro

Vivência do Conteúdo:

O conto foi entregue aos estudantes para ser lido de forma coletiva, assim após a leitura podemos começar a trabalhar com os estudantes a base sociológica.

O que os estudantes acharam do conto lido.

- - Os estudantes conseguem identificar a Sociologia no conto?
- Os estudantes conseguem identificar alguma categoria sociológica no conto?
- Os estudantes conseguem fazer algum paralelo com o cotidiano?
- O que mais chamou a atenção dos estudantes no conto?

PROBLEMATIZAÇÃO

Discussão: identificar os principais problemas postos pela prática e pelo conteúdo

- Identificar no conto o conceito de sociedade? E quais relações são identificadas.
- Como vemos as relações sociais no conto?
- Como observamos a loteria e seu resultado ?

Dimensão do Conteúdo:

- Histórica: sociedade e vida em sociedade
- Social e Ideológica: conceitos de fato social, coesão

INSTRUMENTALIZAÇÃO
Utilização de mecanismos para apresentar os conceitos pelo professor e fazer os estudantes se apropriarem do conhecimento, as ações, são: tempestade de ideias, discussões e mapa mental.
Recursos:
Conto – A loteria
Rodas de conversa
Mapa mental
CATARSE
Compreensão do aluno através de comentários das respostas da atividade proposta
AVALIAÇÃO
Atividade proposta de análise do conto através dos debates nas rodas de conversa e na construção de um mapa mental sobre as principais conceitos que eles conseguiram identificar no conto lido
PRÁTICA SOCIAL FINAL DO CONTEÚDO
Como os estudantes agora vão observar e analisar a sociedade que estão inseridos e como essas normas e regras impactam nas suas subjetividades.

Essa foi a estrutura pensada e aplicada para a atividade, levando em consideração todos os pontos necessários, junto a esse plano foi pensado um roteiro de orientação para o momento da aula, com os tópicos de Sociologia que poderiam e deveriam aparecer nas discussões devido às temáticas das obras selecionadas e isso era algo pensado para facilitar o desenvolvimento do momento já que nosso tempo era restrito, apenas duas aulas de cinquenta minutos cada.

A ideia inicial da aplicação da atividade é fundamentada e sequenciada nas etapas da pedagogia Histórico-Crítica de Luís Gasparini (2002), mas durante a aplicação das atividades tanto nos planos de *O Auto da Compadecida* e de *A Loteria* foi vista a necessidade de adaptação para uma aplicação mais dinâmica e livre, intuitiva, adaptada ao ritmo de cada turma, sem estar tão presa as etapas da pedagogia Histórica – Crítica.

3.5.1 – A VIVÊNCIA/EXPERIÊNCIA DAS AULAS

As vivências em cada turma tiveram suas particularidades adaptando-se ao local dentro da escola, ao horário da aula que foi utilizado, a quantidade de estudantes e a integração e participação de cada turma na atividade. Era preciso lembrá-los que, na realidade do cotidiano, sou a professora deles de Geografia, e naquele momento eu era a professora – pesquisadora, aplicando uma atividade diferenciada com eles, então, se fez necessário explicar todo o contexto do que se pretendia aplicar e o porquê disso. Assim, os pontos que foram dialogados com os estudantes das duas turmas consistiram em explicar o intuito daquele momento, que era utilizar a literatura como uma ferramenta para o estudo e aprofundamento da Sociologia. Dessa forma, iniciamos o momento I do Plano de Aula inspirado em Gasparini (2002), a vivência do conteúdo, a partir dos questionamentos que seriam propostos: As categorias da sociologia: que os estudantes consigam reconhecer os conjuntos de conceitos, à medida que as discussões fossem acontecendo, questioná-los sobre: Como é o Trabalho? Quais as relações de trabalho que são identificadas no livro? Como o poder /a política aparecem no livro? Como é a Cultura? Como ela está relacionada com a religiosidade? Como a religião é vista?

Essas foram as questões norteadoras para se poder ter um ponto de referência no encaminhamento da atividade, mas cada turma teve seu ritmo próprio e em algumas se fixou as discussões em cultura por exemplo e na outra turma foi poder, por última parte da atividade foi pedido para fazerem o fechamento da aula com um resumo do que foi encontrado no livro e discutido em grupo e por fim o momento para a construção do mapa mental em equipes para consolidação final do que foi trabalhando no momento da aula.

Vejamos como foi a aplicação/testagem em cada uma das turmas.

Iº Ano do Curso de Enfermagem

O roteiro se desenvolveu da seguinte maneira: a aula aplicada no dia 14 de setembro de 2023 com os estudantes do 1º ano do curso de Enfermagem, durante dois tempos de 50 min., tempo equivalente ao tempo destinado ao projeto integrador. No momento inicial foi pedido para os estudantes pegarem os livros na biblioteca e fazerem a distribuição entre eles; sentamo-

nos na área verde da escola, no pátio arborizado; e deixamos um momento em que pudessem folhear o livro, já que houve um intervalo entre a leitura do livro dentro do Projeto e nossa atividade. Dessa forma, esse momento foi para haver uma reconexão dos estudantes com o livro que leram. Com as cadeiras em círculo e todos organizados, começamos a atividade.

Figura 3 – Estudantes Enfermagem 2023, 1º ano



Fonte: Acervo pessoal – setembro 2023

Na turma de Enfermagem, são 46 estudantes, e somente uma aluna tinha lido o livro todo: os demais tinham começado a leitura, mas pararam, pois, foi apresentado para eles o filme de Guel Arraes, logo em seguida à entrega do livro. Assim, eles relataram que perderam o interesse na leitura, porque, segundo eles, era igual ao que tinha no livro. A partir dessa realidade, fiz a recapitulação da história no momento do nosso encontro para me certificar de que todos lembravam da história e do filme, e esclareci que havia vários pontos de diferenças entre o livro e o filme.

Quando perguntados sobre a relação entre aquele livro e a Sociologia, estranharam no começo, tendo dificuldades em encontrar uma relação, que na Pedagogia Histórico-Crítica é o momento da *prática-social inicial* e comecei a fazer perguntas sobre cultura, como eles identificavam os personagens. A partir disso, houve um reconhecimento maior dos elementos da Sociologia. Um ponto interessante foi a observação de uma das estudantes sobre

desigualdade de gênero, que era um assunto que, no roteiro e no Plano de Aula, eu não havia pontuado. O conceito de trabalho foi destacado e facilmente percebido em dois trechos do livro, e o conceito mais discutido foi cultura, por ser o conteúdo do bimestre corrente e ser o assunto que havia sido cobrado na avaliação interna que ocorreu pouco tempo antes.

Figura 4 – Atividade – mapa mental – Enfermagem 2023



Fonte: pesquisa.

Quando, ao final da atividade, perguntei sobre como foi essa aula para eles, as respostas foram todas positivas: uma das estudantes pontuou que “era interessante ser assim, e era para ocorrer mais vezes”, outro estudante comentou que “conseguiram entender o assunto mais facilmente”. Dessa forma, consegui atingir o objetivo com a proposta do plano, segundo a Metodologia Histórico-Crítica.

1º Ano do Curso de Desenvolvimento de Sistemas

A segunda aplicação do plano se deu no dia 28 de setembro de 2023, na turma de 1º ano do curso de Desenvolvimento de Sistemas, mesmo tempo de aplicação da turma anterior, durante os dois tempos de 50 min., tempo equivalente ao tempo destinado ao projeto integrador. Toda a aplicação foi pensada para ter as condições mais semelhantes, embora uma diferença

significativa foi de a turma ainda não ter tido acesso ao livro. Assim, primeiramente, foi feita a entrega do livro e explicado como seriam as nossas atividades. Foi pedido para que não assistissem ao filme antes da leitura do livro, e diferentemente do curso de Enfermagem, eles estão tiveram horário de aula disponibilizado para a leitura: é o horário de Redação e Ciranda de Leitura, que faz parte do horário de aula, num prazo de dez dias para a aplicação da atividade.

Figura 5 - Estudantes Desenvolvimento de Sistemas 2023, 1º ano



Acervo pessoal – setembro 2023

Já a aplicação na turma de Desenvolvimento de Sistemas se deu da seguinte forma: estavam presentes 45 estudantes, onde 12 leram o livro todo, e os demais tinham começado a leitura e pararam em momentos diferentes da obra. Relataram que perderam o interesse na leitura por, segundo eles, não haver muito diálogo no livro. Outros assistiram ao filme. Assim, todos tinham uma noção geral da obra, mas mesmo assim, no momento do nosso encontro, fiz a recapitulação da história.

Quando perguntados sobre a relação entre aquele livro e a Sociologia, também estranharam no começo, tendo dificuldades em encontrar uma relação. Achei interessante, pois foi o mesmo estranhamento sentido pela turma de Enfermagem. Em seguida, comecei a fazer perguntas sobre cultura, como eles identificavam os personagens, e a partir disso, houve um reconhecimento maior dos elementos da Sociologia. Um ponto interessante foi a observação de

o conceito mais reconhecido ser cultura, conteúdo que também estava sendo estudado naquele bimestre com a professora de Sociologia. O conceito de trabalho foi destacado e também percebido em dois trechos do livro. Também foi identificado com facilidade os temas política e o poder da igreja, e um estudante fez uma relação interessante com o cangaceiro, o Severino de Aracaju, e muitos jovens hoje, que entram para as “facções” que, segundo o estudante, é por causa da violência que ambos sofreram.

No segundo momento da atividade, pedi para a turma dividida em grupos elaborarem um *mapa mental* sobre os conceitos da Sociologia que eles haviam encontrado no livro, com conceitos como cultura, trabalho e religião sendo apresentados.

Figura 6 - Atividade – mapa mental – Desenvolvimento de Sistemas 2023



Mapa mental – Desenvolvimento de Sistemas

Quando ao final das atividades perguntei sobre como foi essa aula para eles, as respostas foram todas positivas, como na outra turma, as respostas se repetiram que “era interessante a aula ser assim” foi pontuado por um estudante, e que “era para ocorrer mais vezes, que conseguiram entender o assunto mais facilmente”. E isso me deixou particularmente muito feliz, por na segunda aplicação consecutiva estarmos conseguindo fluir com a proposta apresentada aos estudantes.

No momento após a finalização das primeiras aplicações das aulas fiz uma análise das percepções daqueles momentos, agora com o pensamento voltado como a pesquisadora e fiz as seguintes indagações: os conteúdos dos tópicos foram abordados durante o momento da aula? A realização da atividade proposta sobre o objeto de conhecimento apreendido, também foi aplicada? O tempo das duas aulas foi suficiente para tudo que havia sido proposto naquela turma?

Do momento inicial das aplicações das atividades até o momento da finalização da atividade já percebi, de um modo geral, a necessidade de as Ciências Humanas se aproximarem mais do projeto de literatura da escola, Ciranda de Leitura e trazer para esse projeto um debate sociológico e uma necessidade de reestruturação para que possamos participar da escolha dos livros e poder diversificar mais a lista, pensando numa literatura decolonial e antirracista.

No início do ano letivo de 2024, retomamos as aplicações das sequências didáticas, agora estava sendo levada em consideração algumas alterações que precisaram ser feitas, embora já tenha sido observado logo no começo das atividades a necessidade de aproximação das áreas de ciências humanas e linguagens e códigos, no desenvolvimento das atividades escolares cotidianas, não houve essa aproximação e as escolhas dos livros do projeto *ciranda de leitura* foi feito como sempre era feito, pela área de linguagens e houve ainda um atraso burocrático devido a contratação dos professores de contrato temporário, diante do exposto vi a necessidade de uma grande adaptação no qual foi a escolha de uma outra obra literária e assim surge a obra *A Loteria* de Shirley Jackson, obra que havia sido trabalhada por Bezerra e Romko (2016), que estava nas referências bibliográficas para a construção desse trabalho, além da iminência de uma possível greve de professores se aproximava e posteriormente não aconteceu.

Diante desse cenário vamos para as sequências didáticas de 2024.

2º Ano do Curso de Enfermagem:

A aplicação da atividade transcorreu tranquilamente, pois havia poucos estudantes na sala de aula devido ao dia da aplicação ser uma segunda-feira, dezoito de março, véspera de feriado. Seguimos o planejamento previamente estabelecido e iniciamos as atividades. Organizei a sala em círculo e distribuí o texto, explicando que realizaríamos novamente uma atividade de leitura e como essa prática poderia auxiliar na aprendizagem dos conteúdos de Sociologia. Informei que desta vez seria um conto e que a leitura seria feita de forma coletiva, enfatizando que a participação era voluntária e que ao final realizaríamos apenas a atividade de mapa mental.

Figura 7 - Estudantes Enfermagem 2024, no 2º ano



Arquivo pessoal - 2024

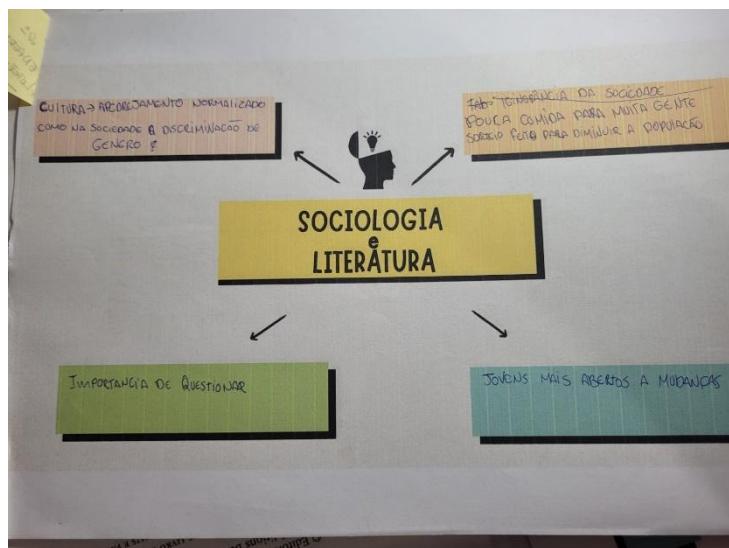
Após explicar tudo, iniciamos a leitura. Comecei lendo o primeiro parágrafo para que eles pudessem dar continuidade. Uma estudante após a outra se alternava na leitura, e em alguns momentos o silêncio se prolongava, preocupada em não perder o clima da história, eu lia um trecho. Assim seguimos até o final do conto. Acredito que a relutância dos estudantes em participar ativamente se deve à falta de hábito na leitura coletiva e à natureza reservada da turma, que, observando de modo geral, não costuma tomar a iniciativa. No entanto, três estudantes mais participativos assumiram a leitura quase que integralmente, ditando o ritmo da nossa leitura. Ao terminarmos o conto, houve uma reação geral de surpresa, como foi descrito no texto de Bezerra e Romko (2016). Todos ficaram incrédulos com o desfecho da história. "A loteria sorteia a morte?", "A mulher foi apedrejada mesmo?", "Como assim?". Essas eram as perguntas que discutiam entre si, tentando confirmar se era verdade. Deixei-os refletindo por um tempo para absorverem o que tinham acabado de ler.

Em seguida, fizemos uma recapitulação do que haviam lido, passando pelas partes mais importantes do conto, como a antiguidade da loteria, a caixa preta e a ordem dos nomes chamados, até chegarmos ao clímax da história.

Ao concluir este resumo, pedi-lhes que expressassem suas opiniões, e a grande questão que surgiu foi: "Por que as pessoas não fugiam da loteria?". Em seguida, perguntei como eles poderiam relacionar o conto com as aulas de Sociologia, e imediatamente lembraram do conceito de cultura que haviam estudado, discutindo como não deveriam julgar práticas de

outras culturas, embora considerassem a loteria cruel e desnecessária. Neste momento, fizeram algumas comparações com tribos antigas que realizavam sacrifícios, destacando o trecho do livro onde um personagem diz: "Loteria feita garante a colheita". Em continuidade às nossas discussões, pedi-lhes que recordassem o conceito de sociedade, o significado de viver em sociedade e o que Durkheim nos ensina sobre fatos sociais. A partir disso, trouxeram a discussão para o cotidiano, percebendo como o apedrejamento na nossa sociedade poderia ser comparado ao preconceito enfrentado por pessoas que optam pelo casamento gay, embora seja um direito. Por fim, compreenderam que a loteria poderia eventualmente ser abolida, uma vez que os mais jovens já debatiam essa possibilidade, prevendo mudanças futuras.

Figura 8- Atividade – mapa mental – Enfermagem 2024



Arquivo pessoal - 2024

No final dessa segunda parte, passamos para o momento em que eles registraram no mapa mental as principais ideias e conceitos que nossa atividade ajudou a compreender.

Ao refletir sobre minha experiência com eles, sinto cada vez mais a falta de ser a professora de Sociologia deles, pois, apesar de seguir o programa da disciplina e realizar atividades alinhadas a ele, sinto falta de explorar os conceitos de forma mais aprofundada e de conectar o que "vimos no quadro" com os temas abordados em nossa atividade. No entanto, ao avaliar globalmente o desenvolvimento da atividade, eles demonstraram bastante satisfação e foram mais participativos em comparação à atividade anterior com *O Auto da Comadecida*. Em minha análise, o fato de termos trabalhado com um conto, uma história mais curta, possibilitou uma participação mais ativa na leitura e discussão, tornando a atividade muito produtiva.

2º Ano do Curso de Desenvolvimento de Sistemas:

A aplicação da atividade na turma do 2º ano de desenvolvimento de sistemas se deu de forma desenrolada como é o ritmo cotidiano da turma. O dia da aplicação, uma segunda-feira, dezoito de março, véspera de feriado, contava com a frequência quase total dos estudantes em sala de aula. Pedi para que arrumássemos a sala em círculo e fomos distribuindo o texto, foi explicado que mais uma vez faríamos a atividade de leitura e como ela poderia nos ajudar na aprendizagem dos conteúdos da Sociologia, expliquei que dessa vez seria um pouco diferente a aplicação, porque teríamos um conto e a sua leitura seria feita de forma coletiva, que tudo era voluntário e no final só haveria a atividade do mapa mental.

Figura 9 - Estudantes Desenvolvimento de Sistemas 2024, no 2º ano



Arquivo pessoal - 2024

Depois da explicação começamos a leitura, falei que leria o primeiro parágrafo para que eles pudessem dar prosseguimento, e assim foi fluindo, cada estudante foi lendo um trecho e depois de três parágrafos, como ocorreu com a turma de Enfermagem, eles começaram a instigar para que os colegas fossem lendo, nesse momento havia uma pausa breve, risos e frases como “vai tu!!” ia sendo dita, nesse momento o líder da sala tomou a frente e organizou uma ordem de quem seria os leitores e, na minha observação, fiquei impressionada em como repentinamente eles se organizaram e seguiram os comandos: o líder chamava cada um pelo nome e esse estudante imediatamente começava a leitura.

Num determinado momento ponto da história eles pediram pra parar e pediram para que eu pudesse explicar a trama, pois eles falaram que não estavam entendendo o andamento da

história, então, fiz com eles um resumo rápido, recapitulamos o primeiro parágrafo de que todos se juntavam em uma praça, que as crianças chegaram primeiro, juntaram as pedras, que os moradores iam chegando, que o oficial da loteria organizava o sorteio e que iam sendo feitos por ordem alfabética de acordo com o sobrenome, explicado isso e todos compreendendo o fluxo da história, continuamos a leitura que foi se estendendo até o final do conto e nesse momento o choque do final não foi diferente: “a mulher tinha sido apedrejada mesmo?”, “por que fizeram isso?”, e assim ficaram comentando uns com os outros o quanto o final do conto tinha um “Plot twist” para eles, pois realmente achavam se tratar de um prêmio em dinheiro. Deixo-os comentarem mais um pouco e perguntei o que eles tinham achado do conto, as respostas eram sempre que tinham entendido e gostado do texto, quando perguntei sobre se tinha algo de Sociologia ali, rapidamente, e mais uma vez, a ideia de que era algo cultural veio para a nossa conversa.

Quando fiz referência ao conceito de sociedade e da vida em sociedade, o fato social de Durkheim, eles entendiam e lembravam do conceito do que havia sido e estudado, citando inclusive as definições que tinham aprendido e para eles o ocorrido era algo da cultura da tradição daquelas pessoas e sendo assim eles não podiam julgar, que era uma forma de eles viverem em sociedade.

Essa turma foi mais para a perspectiva literal, mesmo eu perguntando a eles como isso poderia ocorrer agora na nossa realidade, as suas percepções foram as de citar as tribos que faziam sacrifício, algo muito parecido com a percepção que os jovens de Enfermagem tiveram também, sempre citando a cultura e a tradição como uma justificativa para a forma como viviam, mas observaram, também, que as coisas poderiam mudar com o tempo, porque há um trecho em que fala que, em algum lugar, a loteria já havia sido abandonada.

Ao final dessa segunda parte, fomos para o momento onde eles colocam no mapa mental as principais ideias e conceitos dos quais a nossa atividade facilitou para o entendimento deles.

Figura 10 - Atividade – mapa mental - Desenvolvimento de Sistemas 2024



Arquivo pessoal - 2024

Fazendo a análise do meu momento com eles, sinto cada vez mais a falta de não poder ser a professora de Sociologia deles, porque embora eu saiba do programa da disciplina e faça a atividade apoiada nele, sinto falta de ter estudado com eles os conceitos de forma mais consistente. Sinto a falta da ligação do que “vimos no quadro” com os conceitos que estão colocados em nossa atividade.

Mas na avaliação ampla do andamento da atividade, eles gostaram bastante e foram mais participativos do que a atividade proposta com *O Auto da Comadecida* e, em minha análise, o fato de ter sido um conto, que é uma história mais curta, que mesmo poucos, eles participaram maisativamente da leitura, as discussões houve muito mais participação foi muito produtivo.

1º Ano do Curso de Redes:

A aplicação do plano de aula do 1º ano de Redes aconteceu no dia 21 de março, com o quantitativo total dos estudantes. A dinâmica da apresentação é muito semelhante às demais aplicações que já foram feitas anteriormente, embora existam nessa turma algumas especificidades que serão apresentadas aqui devido à mudanças já mencionadas anteriormente referente ao projeto da área de Linguagens, como já mencionada a duração do período que os estudantes ficam em posse do livro aumentou, agora é um semestre inteiro, assim, eles têm mais tempo para ler e fazem leituras coletivas.

Na primeira semana do mês de março, fiz a primeira conversa com a turma, dia 05 do mês, e perguntei se eles gostariam de participar da aplicação da atividade, o que eles precisavam

era ler o livro *O Auto da Comadecida* que já estava com eles, combinei com eles que teriam vinte dias para fazer a leitura do livro para que pudéssemos aplicar nossa atividade. Todos concordaram e houve uma animação natural dos estudantes por haver no seu cotidiano escolar algo novo. Como combinado, a nossa atividade foi para o dia 21 de março, iniciei a atividade novamente com a explicação da proposta, que é a partir da leitura do livro conseguirmos compreender melhor conceitos e temas da Sociologia trabalhada em sala de aula.

Saímos da sala de aula e fomos para o pátio para poder termos um ambiente diferente e construir um momento de aprendizagem mais descontraído. Fizemos um círculo onde todos tinham que estar e cada um com seu livro, e demos efetivamente inicio à atividade. Como eles estavam previamente com o livro, fiz algumas perguntas, como, “quem havia lido o livro?”, e nesse momento pedi para que fossem sinceros quanto a essa resposta e atendendo esse pedido eles responderam e apenas 8 estudantes haviam lido o livro todo, de um total de 43 estudantes matriculados na turma. Os demais haviam lido parcialmente o livro: o argumento foi que está sendo feita uma leitura coletiva em aulas alternadas de Língua Portuguesa, então, estão lendo partes por partes. Diante dessa resposta, percebi que teria dificuldade em trabalhar, pois a maioria não havia lido e a referência do filme não se aplicava, pois as histórias têm diferenças que poderiam comprometer a atividade.

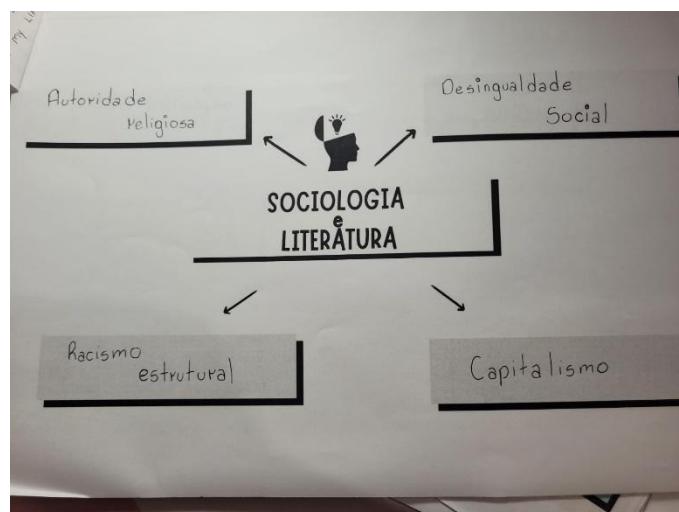
Figura 11 - Estudantes Redes de Computadores 2024, no 1º ano



Arquivo pessoal - 2024

Diante desse cenário, pedi para que os estudantes pudessem ler o trecho do livro que até agora eles haviam lido e gostado para compartilhar e, a partir disso, relembrarmos a história do livro. Alguns estudantes timidamente falaram das partes que gostaram como o momento de benzer a cachorra, o enterro da cachorra, o julgamento com o Severino indo para o céu. Quando perguntei se eles conseguiam encontrar algo ligado à Sociologia na história, e prontamente eles responderam: “crítica social”, “poder e autoridade”, “desigualdades sociais”, “cultura”, “trabalho” e “classe social”. Com essas respostas conseguimos fazer boas discussões sobre o que é poder, o poder simbólico, de como eles viam esse poder sendo exercido no livro, o trabalho representado pelo João Grilo na padaria e o padeiro ser “rico”, mas não ter poder, da questão da religiosidade ao ser retratado o julgamento, e dentro desses conceitos, falamos um pouco de estrutura da sociedade e fato social de Durkheim, porque no componente curricular eles ainda estão estudando o Positivismo de Auguste Comte, então, na nossa atividade, percebi que era melhor conversar com eles de forma mais abrangente sobre esses conceitos, citando claramente seus referenciais teóricos.

Figura 12 - Atividade – mapa mental – Redes de Computadores 2024



Arquivo pessoal – 2024

Ao final dessa segunda parte, fomos para o momento onde eles colocam no mapa mental as principais ideias e conceitos dos quais a nossa atividade facilitou para o entendimento deles.

3.6– SÍNTESE : UMA REFLEXÃO DEPOIS DA AULA

Silva (2013), nos fala do ofício de professor ser parecido com o ofício do artesão que aprende os conhecimentos com os mestres de ofício, mas vai criando suas técnicas ao longo de sua vida para dar suas aulas e pensando nessa frase dela, reflito sobre como foi ser a professora-pesquisadora em Sociologia e como auxiliar os estudantes numa construção de raciocínio sociológico. Posso separar as experiências por curso, digamos assim, pois cada turma de estudantes possuem suas especificidades e de forma muito interessante carregam características que poderíamos dizer parecidas com seus cursos. As aplicações no curso de Enfermagem conseguiram ser mais tranquilas no sentido de eles/elas falarem e os/as colegas ouvirem e irem discutindo as temáticas, pareciam estar mais focados na experiência, assim, eu conseguia seguir o roteiro mais tranquilamente.

Já o curso de Desenvolvimento de Sistemas, por serem uma turma tipicamente agitada, as falas se atropelavam e o que mais me chamou a atenção foi justamente isso ter despertado neles a necessidade do líder da turma assumir a mediação entre eles, de quem iria ler depois uns dos outros, e por fim, os de Redes de Computadores seguiram uma linha parecida com o curso de Enfermagem, só que os senti mais tímidos, acredito que pelo fato de ainda estarmos no começo da trajetória escolar.

Mas o que é inegável é o fato de ser um momento muito rico para todos, a mudança do ambiente da sala de aula e a mudança do “modo” da aula ser dada traz para os estudantes um protagonismo que cotidianamente não conseguimos observar, e pra corroborar com essa impressão muitos deles pedem para que as aulas sejam assim novamente que foi tudo muito interessante, e como uma estudante mencionou “agora vai ler o livro todo”. Percebo que nesse momento os estudos dentro do PROFSOCIO trouxeram um resultado imediato para os estudantes que conseguiram contribuir para a construção de um raciocínio mais crítico por parte deles/delas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar no papel de “leitora” e “personagem” foi uma grande aventura, digna das narrativas literárias e aqui chegamos ao desfecho final dessa história. Neste trabalho me propus a trabalhar uma forma de unir a Sociologia a literatura e assim auxiliar os alunos numa construção de conhecimento e repertório cultural, o que Bourdieu (2011) chama de capital cultural que necessita de um trabalho de inculcação e de assimilação para ser transmitido e de aquisição de dispositivos para apreciar. Dessa forma surge uma sequência didática pensada para os estudantes da EEEP Mário Alencar terem contato com textos e livros utilizando o que já faz parte do cotidiano escolar, no referido caso o projeto de leitura do qual eles participam. Sequência didática também inspirada por Freire (1991) nos fala que nas relações que o homem estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade, dessa forma conseguimos contribuir com a aprendizagem e a construção da criticidade dos estudantes.

Pensar a literatura como um convite à Sociologia foi um ponto fundamental e norteador deste trabalho, objetivando incentivar e proporcionar espaços para reflexões que vão além das aulas nos seus formatos mais tradicionais, afinal os momentos de leitura e discussões eram propiciados fora da estrutura da sala de aula, e eles tinham a liberdade de lerem ou não lerem a obra, se assim o quisessem, o resultado ao final é a modificação da prática dos estudantes no que se relaciona à literatura que é consumida e fazer essas leituras de forma mais crítica, consciente, e divertido, e como Petit (2009) nos explica, essa leitura permite ao sujeito conhecer a experiência de outras pessoas, outras épocas, outros lugares e confrontá-las com as suas próprias, ampliando sua percepção de mundo. Corroborando com essa ideia Casson(2014) nos explica que a leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o dialogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores numa sociedade.

Discutimos a apresentação da teoria sociológica e os conceitos sociológicos dialogando com a literatura, a partir da utilização de sequência didática criada pela professora-pesquisadora com inspiração na Pedagogia Histórico– Crítica de Gasparini (2002), os recursos literários utilizados nessa empreitada foram um clássico da literatura brasileira, *O Auto da Comadecida* de Ariano Suassuna e o conto da escritora norte-americana Shirley Jackson chamado *A Loteria*.

As obras foram escolhidas a partir da análise do projeto institucional da escola chamado Ciranda de Leitura e da referência bibliográfica que foi a leitura de um artigo de Bezerra e Romko (2016). Com essas duas obras conseguimos concatenar as ideias de temas e conceitos sociológicos como a possibilidade de apresentá-los em uma outra perspectiva, a partir da leitura de uma história e ir conectando as relações sociais e os conceitos de trabalho, cultura, poder e política com a realidade social da sociedade contemporânea dessa forma exercitando o pensamento crítico e a imaginação sociológica dos estudantes da EEEP Mário Alencar.

Aplicamos a sequência didática a partir da elaboração de um plano de aula que serviu como norteador do andamento da aula, seguindo as etapas que são propostas por Gasparini (2002), prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final, mas tudo de forma muito orgânica e acompanhando o ritmo de cada turma, o período de aplicação dos trabalhos ocorreram durante os 2 anos do decorrer do PROFSOCIO, a primeira aplicação ocorreu no segundo semestre de 2023 com as turmas de primeiro ano dos cursos de Enfermagem e Desenvolvimento de Sistemas, a sequência didática aplicada foi a do *Auto da Comadecida*, livro que na época apenas essas duas turmas estavam trabalhando no projeto Cirandas de Leitura, inclusive aqui colocamos uma observação o fato de ter sido sugerido aos estudantes que assistissem ao filme, fato esse que trouxe um elemento novo ao trabalho: eles perderam o interesse pela história por terem encontrado semelhanças entre a obra e o filme, o que ocorreu com a turma de Desenvolvimento de Sistemas. Na segunda aplicação da sequência didática, dessa vez o conto *A Loteria*, que ocorreu no primeiro semestre de 2024, participaram novamente as turmas de Enfermagem e Desenvolvimento de Sistemas e um primeiro ano, Redes de Computadores, que era a turma que estava trabalhando *O Auto da compadecida*.

Percebi durante a aplicação das sequências didáticas que os estudantes se interessam por tudo que se distancia de uma “aula” para eles, uma aula convencional. No caso específico deste trabalho, sair de dentro da sala e ocupar outros espaços da escola, como o pátio, a quadra ou ficarmos embaixo de uma árvore, e mesmo quando estamos em sala, o fato de formarmos um círculo já muda tudo e quando se propõe algo novo, no começo, eles ficam só observando, mas ao longo do processo, a curiosidade e a vontade de aprender e de falar contagiam e eles fazem associações incríveis, como o estudante do Desenvolvimento de Sistemas, que associou o cangaceiro de *O Auto da Comadecida* aos jovens que se faccionam hoje, devido às questões de vulnerabilidades sociais, ponto esse que eu não havia pensado dentro da estrutura da sequência elaborada por mim. Saltou também as minhas percepções a grande necessidade de utilizar mais atividades diferentes, fora da sala, que estreitam a nossa relação com os nossos estudantes e colaboraram para um aprendizado mais ativo e participante da parte deles.

Concluímos que esse trabalho desempenhou seu objetivo quando conseguimos despertar nos estudantes uma melhor compreensão do componente curricular de Sociologia no cotidiano escolar e contribuímos para a ampliação do pensamento crítico, da imaginação sociológica e na aquisição de capital cultural escolar através da literatura como ferramenta de auxílio. A caminhada está só no prefácio, para fazer referência à literatura: existe a necessidade latente de juntar mais ainda esses dois campos do conhecimento que, no nosso cotidiano escolar, são complementares e, como Petit (2009) nos lembra, os jovens que leem literatura são os que mais têm curiosidade pelo mundo real, pela atualidade e pelas questões sociais, entrando nesse ponto a Sociologia com a *estranhamento* e a *desnaturalização* das coisas, como nos lembra Carvalho (2014):

O estranhamento, aquela postura presente já na filosofia clássica, originalmente do grego Taumatos, significa admiração, espanto, a primeira condição para se colocar a questão inicial: por quê? O que faz isso ser assim e não de outra forma? Essa postura suscita explicação, e a busca da explicação possibilita consequentemente a desnaturalização do mundo e das coisas. Esses dois princípios caracterizam a sociologia como ciência comprehensiva e explicativa, que é a perspectiva da própria sociologia clássica e refundada por um autor como Bourdieu (CARVALHO, 2014, p.72).

Refletimos, por fim, que embora tenhamos concluído o trabalho alcançando os objetivos propostos ao longo do caminho a necessidade de uma mudança e ajuste no currículo escolar e na forma de integração e interdisciplinaridade se fazem necessária no campo onde ocorreu a aplicação deste trabalho. O PROFSOCIO cumpriu sua missão quando possibilitou a esta professora-pesquisadora aplicar a Sociologia em sala de aula de uma maneira mais lúdica e fácil de assimilação, mas não esquecendo dos desafios enfrentados com uma grade curricular fechada e com pouca mobilidade, onde os ajuste foram feitos para que todas as aplicações das sequências didáticas fossem aplicadas da melhor forma possível, sei que nossa missão de professores, professores-pesquisadores é longa mas sei também que com entusiasmo conseguiremos mudar as nossas salas de aula e nessa jornada pouco a pouco mudar a educação.

Finalizo então este trabalho com uma frase da professora Ileizi Silva (2013, p.36): Temos que nos concentrar em duas dimensões da nossa tarefa, o saber acumulado da Sociologia e as necessidades contemporâneas da juventude, da escola, do Ensino Médio e dos fenômenos sociais mais amplos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Jonathan Henriques do; ADAMS, Adair. A literatura como recurso pedagógico para o ensino de filosofia e sociologia: relato de uma experiência. **Revista Leitura: Teoria & Prática**, v. 37 n. 76 (2019). 73-87.
- ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Experiências de leitura literária digital por leitores jovens. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 32, p. e20180027, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8666787>. Acesso em: 13 maio de 2024.
- BEZERRA, R. G., ; ROMKO, I. G. (2017). Sociologia e literatura: reflexão e prática sobre o uso da ficção no ensino de sociologia. **Revista Urutágua**, (35), 163-179.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos da Educação**/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). 16.ed- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BORBOREMA, Fernanda Cristina Agra. Etnografia e educação: usos e contribuições. **Anais II CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL.
- BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (Orgs.). **Dicionário do Ensino de Sociologia** / Prefácio de Carlos Benedito Martins.--1. ed. - Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.
- CÂNDIDO, Antônio. Vários Escritos. 5º edição (corrigida pelo autor). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul Editora, 2011.
- CEARÁ. **LEI N° 14.273**. De 19.12.08. Dispõe sobre a criação das Escolas Estaduais de

Educação Profissional – EEEP. Ceará, 2018.

CEARÁ. **LEI N°17.558**. De 14.07.21, Dispõe sobre a política de educação profissional articulada ao ensino médio no âmbito da rede pública de ensino do estado do Ceará.

CHEVALLARD, Yves. On didactic transposition theory: some introductory notes, **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v.3 n.2 mai/ago 2013.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; e MAIA, Carla Linhares (org.) **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CASSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CURCINO, Luzmara. Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. **Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras - Espanha. n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695> Acesso em 13 de maio. 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 (Especial), p. 1105-1128, out. 2007.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GONÇALVES, Danyelle Nilin; LIMA FILHO, Irapuan Peixoto (orgs.). **Escola e**

universidade: encontros entre sociologia e educação. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária. 2020.

JACKSON, Shirley, A Loteria (Tradução de Ana Resende). **Revista Literária em Tradução**, nº 9 (set/2014), disponível em Fpolis/Brasilhttps://entrecontos.com/2016/10/25/a-loteria-classico-shirley-jackson/ Acesso em 15 de maio de 2024.

JOURDAIN, NAULIN, Anne, Sidonei. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção Sociologia: Pontos de Referência).

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Culturas Juvenis e Agrupamentos na Escola: entre adesões e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 103–118, 2016.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. Barulho nas ruas escuras: estilo de vida e redes sociais nos agrupamentos roqueiros. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 109, p. 105-136, maio 2016.

LOPES, Francisco Willams R. (Des)continuidades na política de um currículo nacional: a Sociologia nos arranjos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 52, n.1, mar./jun., 2021, p.245-282.

MUNIZ, D. M. S., VILAS BOAS F. S. O., Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva - PETIT, Michèle. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2009. ; **Revista Entreideias**, Salvador, v. 4, n. 2, 152-157 jul./dez. 2015

PERALES FRANCO, C. Abordagem Etnográfica à Convivência na Escola. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 43, n. 3, 2018. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/74800>. Acesso em: 13 jun. 2024.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 23, n. 49, p. 149-176, 2017.

PETIT, M.; Para que serve a leitura ? *In Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje.*/Michele Petit; tradução de Julia Vidile,;São Paulo, Editora 34, 2019, 1º edição.

SANTOS, Harlon Romariz Rabelo; GONÇALVES, Danyelle Nilin. Entre disposições e estratégias dos alunos e suas famílias das escolas estaduais de educação profissional no Ceará. **Revista Encontros Universitários da UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2016.

SANTOS, Harlon Romariz Rabelo. **Configuração e mobilização familiar nas escolas estaduais de educação profissional:** entre disposições, escolhas e motivações/ Harlon Romariz Ribeiro Santos – 2017.

SANTOS, Harlon Romariz Rabelo. mobilização familiar no contexto de escolas diferenciadas: o caso das escolas estaduais de educação profissional no Ceará - **Escola e universidade: encontros entre sociologia e educação.**; 2020, Gonçalves, Danyelle Nilin e Lima Filho, Irapuan Peixoto (organizadores). Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC), 2020.

SILVA, I. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

SILVA, I. F. BNCC, o ensino de Sociologia e a:. In: BRUNETTA, Antonio Alberto; BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro (Orgs.). **Dicionário do Ensino de Sociologia** / Prefácio de Carlos Benedito Martins.--1. ed. - Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

SILVA, I. F. A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes: experiências e práticas de ensino. **Relatos e práticas de ensino do PIBID de ciências sociais** /UEL organizadores: Adriana de Fátima Ferreira...[et al.]. – Londrina : UEL, 2013.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Comadecida**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Coleção Clássicos Para Todos).

TURA, M. de L. R. Pensando a cultura escolar e a prática pedagógica. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 23, n. 1, 2016. DOI: 10.5335/rep.v23i1.6336. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6336>. Acesso em: 5 nov. 2023.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? Campinas: **Educ. Soc.**, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

APÊNDICE:

ROTEIRO DIRIGIDO - SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 01 – O AUTO DA COMPADECIDA



O Auto da Compadecida - Ariano Suassuna

RESUMO DA OBRA:

O Auto da Compadecida é uma peça teatral escrita por Ariano Suassuna que teve sua primeira encenação em 1955 e desde essa época conquistou o coração do público, nessa história você é apresentado aos inesquecíveis amigos João Grilo e Chicó, cujas suas malandragens e astúcia os levarão a situações extravagantes, e sempre com muita comicidade. Essa jornada hilariante e cativante pelo sertão nordestino mistura o popular e o erudito de forma brilhante na uma obra-prima de Ariano Suassuna. A obra traz uma forte crítica atemporal sobre a dura realidade da pobreza e sua luta desigual contra os ricos, o patriarcado rural e até mesmo o julgamento do próprio Diabo! Nessa história tem risos e grandes reflexões sobre as injustiças sociais enfrentadas pelo povo nordestino, enquanto João Grilo, com sua sagacidade única, recorre à Compadecida, Mãe de Deus de Nazaré, quando a contenda está prestes a atingir um desfecho trágico.

Auto da Compadecida é uma experiência de leitura teatral incrível , um encontro com a essência da cultura popular nordestina e uma obra que se mantém atual e relevante ao longo dos

anos. Não perca a chance de se maravilhar com a genialidade e sagacidade de Ariano Suassuna e embarcar em uma aventura única e inesquecível através do sertão nordestino e seus personagens inesquecíveis!

FATO TEMÁTICO:

Atividade para ser aplicada aos estudantes do ensino médio associadas as aulas de Sociologia e trabalhar as temáticas da matriz curricular relacionadas aos conceitos de *Trabalho, Cultura, Poder e Luta de Classes*.

APLICAÇÃO:

1. Promover a leitura do livro dentro das condições de aulas proporcionadas pela instituição educacional;
2. Na culminância da atividade, a roda de conversa, possa ocorrer com a sala em círculo ou em outro ambiente escolar que promova a aproximação e entusiasmo dos estudantes;
3. Deixá-los à vontade para iniciarem os comentários sobre suas impressões pessoais do livro;
4. No momento da discussão dos conceitos sociológicos, usar perguntas norteadoras, como:
 - Você consegue identificar algum conceito clássico da Sociologia no livro?
 - Quais relações de poder você consegue identificar no texto?
 - Como é vista a cultura e a religião no livro e como essa cultura está relacionada com nossa atualidade ?

BIBLIOGRAFIA:

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SUASSUNA, Ariano, 1927 – 2014, **Auto da Comadre Cida** – Coleção Clássicos Para Todos. Edição especial- Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 2016.

ROTEIRO DIRIGIDO - SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 02 – A LOTERIA



A Loteria – Shirley Jackson

O conto “A Loteria”, de Shirley Jackson, foi publicado originalmente em 1948 na revista *New Yorker*, este conto é uma das histórias agressivas e fortes da literatura contemporânea. Brutal e angustiante, o conto “A Loteria” nos leva para um vilarejo comum em algum lugar nos EUA sem nenhuma característica especial, onde anualmente há uma loteria entre seus habitantes e à medida que a história vai se desenrolando podemos perceber como é cruel e brutal esse sorteio, a leitura desse conto levanta questões sobre conformidade, tradição e violência ritualizada que pode assombrar todos em qualquer lugar até mesmo uma vila aparentemente pacífica.

FATO TEMÁTICO:

Atividade para ser aplicada aos estudantes do ensino médio associadas as aulas de Sociologia e trabalhar as temáticas da matriz curricular relacionadas aos conceitos de, *Cultura, Tradição, Relativismo Cultural e Vida em sociedade*.

APLICAÇÃO:

1. Promover a leitura do conto de forma coletiva e em voz alta, dentro das condições de aulas proporcionadas pela instituição educacional;
2. A roda de conversa, deve ocorrer com a sala em círculo ou em outro ambiente escolar que promova a aproximação e entusiasmo dos estudantes;
3. Deixá-los à vontade para iniciarem os comentários sobre suas impressões pessoais do conto;
4. No momento da discussão dos conceitos sociológicos, usar perguntas norteadoras, como:
 - Você consegue identificar algum conceito clássico da Sociologia no livro?

- Quais são esses elementos?
- Como é vista a cultura no conto e como essa cultura pode estar relacionada com nossa atualidade ?

BIBLIOGRAFIA:

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica.** 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

JACKSON, Shirley, Tradução de Ana Resende, publicada na Revista Literária em Tradução, nº9 (set/2014), disponível em Fpolis/Brasil<https://entrecontos.com/2016/10/25/a-loteria-clássico-shirley-jackson/>